

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS ESTAGIÁRIOS DA  
CARANDÁ VIVAVIDA

Carandá  
Vivavida  
EDUCAÇÃO

# SABE EM QUE EU ANDO PENSANDO?

EM TEMPOS DE PANDEMIA



# SUMÁRIO

## PREFÁCIO

PANDEMIA E FORMAÇÃO DE JOVENS PROFESSORES E PROFESSORAS .....	04
Ana Cristina Dunker	

## EDUCAÇÃO INFANTIL

GANHOS, PERDAS E APRENDIZADOS.....	07
Gabriela Araújo da Silva, Giovanna Costa de Souza e Nathalia Sales Fernandes	

UM OLHAR PARA O EMOCIONAL .....	09
Bárbara Sanches S. Machado e Débora Sportiello Romero	

SIMBOLIZAR O DESCONHECIDO.....	11
Thais Chagas Lima Tomazelli e Thuane Silva Madeira	

COMO SE FOSSE A PRIMEIRA VEZ... ..	13
Mariana Freitas Sousa	

APRENDENDO COM O PASSADO, PARA CONSTITUIR O PRESENTE O FUTURO: “SANKOFA”.....	15
Samantha Rocha Silvério	

## FUNDAMENTAL 1

O SENTIDO DO QUE NOS ACONTECE.....	18
Larissa Hashimoto Martins	

DO PRESENCIAL PARA O VIRTUAL.....	20
Pamela R. Monte de Oliveira	

2020: CONTAGEM REGRESSIVA.....	22
Giulio Mezzacapa	

A UNIÃO FAZ A FORÇA.....	24
Stéphanie Oliveira Silva	

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA E A EXPLORAÇÃO INTERDISCIPLINAR COM AS TURMAS DE SEGUNDO ANO.....	25
Mariana Monteiro dos Santos e Stefanni Rodrigues da Silva	

O ENSINAR DAS/NAS INCERTEZAS.....	27
Tamiris Antunes Videira	

DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO NO ANO DE 2020 CARTAS ENDEREÇADAS: MARÇO A SETEMBRO DE 2020.....	29
Débora Aline de Sousa Costa e Nathallia Ferreira da Silva	

A REINVENÇÃO E O ENCONTRO.....	33
Pedro Oliveira Baptista	

MUITO MAIS DO QUE UMA MERA TROCA DE AMBIENTES, UMA TROCA DE GÊNERO DO DISCURSO.....	34
Fernanda Gastaldi Leite	

NAVEGANDO POR NOVAS MARÉS, EM BUSCA DE OUTROS JEITOS DE BRINCAR.....	36
Bruna N. Rugerio Silva	

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL – ADAPTANDO-SE EM MEIO ÀS MUDANÇAS.....	38
Milena Menezes	
DA OBSERVAÇÃO DOS CONTEXTOS.....	39
Aline Vieira Pinto Belintani	
TRANSFORM(AÇÃO).....	41
Maria Fernanda Alvarenga e Nathália Tateyama Tominaga	
À ESPERA.....	42
Mariana de Godoy Moreira	
O PODER DA EDUCAÇÃO E A ARTE DE SE REINVENTAR.....	44
Beatriz da Silva Sales	
NOSSA PLANTACÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	46
Gabriela J. Sawaya Oliveira	
CARA PROFESSORA.....	48
Luciana T. de Freitas Ranieri	
O OLHAR INDIVIDUALIZADO DO APOIO ESCOLAR.....	50
Leila Ribeiro Freire e Milena C. Ferreira Varizano	
<b>FUNDAMENTAL 2 E ENSINO MÉDIO</b>	
RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.....	53
Guilherme Esteves Carvalhaes	
MEMÓRIAS QUE NOS TOCAM.....	55
Lucas Leandro da Mota	
OS INESPERADOS SENTIDOS DO APRENDER.....	56
Marcos Romeo Mariuzzo	
RELATO DE EXPERIÊNCIA E CONSCIÊNCIA.....	58
Renê Ferreira Porto	
MUDANÇAS.....	60
Gustavo Araújo Santos	
É DIA DE TREINO.....	62
Luana Corradine Valentim	
<b>ESPAÇO CULTURA VIVA</b>	
RECREAÇÃO ATRAVÉS DA TELA.....	65
Darla Nunes da Silva	
NÃO TEM RECEITAS.....	67
Pedro Paulo da Silva	
A HABILIDADE PRÁTICA DE BRINCAR CONSTRUINDO EDUCADORES.....	69
Thalissa Alexandre Cardoso Wilkson A. Nascimento da Silva	
<b>AUTORES E COORDENAÇÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>DIREÇÃO.....</b>	<b>72</b>

# PREFÁCIO

## PANDEMIA E FORMAÇÃO DE JOVENS PROFESSORES E PROFESSORAS

### OUTUBRO 2020

Quando a pandemia chegou à nossa cidade e fomos chamados a nos recolher, nossa maior preocupação tinha a ver com a doença e a morte que nos rondava. Quando reabrissemos os portões da escola, que nunca imaginamos manter fechados por tantos dias, quem estaria conosco? Quem não retornaria? O medo de que muitos de nós fôssemos vítimas fatais da doença foi o que nos levou até nossas casas.

Com o passar dos dias, vimos que éramos privilegiados e que podíamos nos proteger de alguma forma. Mas aí começamos a ser assolados por outros medos. Como nos manteríamos próximos uns dos outros? Depois, como poderíamos seguir ensinando alunos e alunas das mais diferentes idades? E como manter as famílias apostando em nossa proposta? O que nosso Projeto Político Pedagógico poderia nos ensinar neste momento? Como sobreviveríamos financeiramente com tantos compromissos, uma folha de pagamento extensa e muitas famílias optando por cancelar os períodos estendidos e, posteriormente, os contratos dos alunos menores?

Como diz a sabedoria oriental, se não sabíamos exatamente para onde nadávamos por não enxergar a outra margem do rio, sabíamos de onde tínhamos saído, conhecíamos a margem de onde começamos a nadar.

Passados 200 dias, pudemos reabrir aos poucos os portões da escola e sabemos que muitos desafios ainda estão por ser superados. Mas hoje, reafirmamos a certeza de nosso projeto, juntos podemos muitas coisas.

Nossos alunos e alunas, em sua grande maioria, conseguiram se organizar e participar das atividades propostas pelos professores, ganhando autonomia nos estudos e aprendendo muito, sobre o que vivemos e sobre os conteúdos esperados para cada fase escolar.

Mas, no meio disso tudo, tínhamos uma equipe bastante robusta de jovens que estagiavam conosco. Este grupo compõe nossa escola, auxiliando os professores no trabalho diário com os alunos e alunas, mas também construindo importantes saberes que apenas o chão da escola pode lhes garantir para que se formem professores potentes, críticos e autores de seu trabalho, corresponsáveis pela formação dos nossos alunos.

Como garantir a eles uma formação potente se nem sabíamos ainda para onde deveríamos seguir durante esta fase de isolamento? Como ajudá-los a entender o que é o chão da escola se todos nós estávamos, literalmente, sem chão? A escola fechada, professores e alunos distantes, coordenação, direção, equipe toda pensando em como manter os fios que nos uniam...

Rapidamente percebemos duas coisas muito importantes com relação aos estagiários:

Eles eram as pessoas mais ágeis e hábeis, em termos de tecnologia, para ajudar os professores na difícil missão de planejar as atividades e as intervenções por intermédio da internet e dos aplicativos.

Com todas as reuniões acontecendo virtualmente, os estagiários poderiam entrar com mais frequência nos encontros de formação dos professores.

Foi isso que aconteceu. Durante todo este tempo, professores e estagiários estreitaram laços. Os planejamentos passaram a ser compartilhados de maneira muito mais orgânica do que antes, coordenadores passaram a trabalhar na reflexão do trabalho contando com a equipe mais completa – os professores e seus auxiliares.

Muito se construiu neste sentido. Ao longo dos dias, foram encontrando novos modos de estar juntos, de propor intervenções, de fazer acontecer o trabalho da escola ainda que distantes do nosso espaço. A instituição manteve seu lugar simbólico na vida dos alunos, chegando ainda mais perto das casas e das famílias. Os estagiários assumiram importantes tarefas nos encontros pontuais com os alunos, muitas vezes sendo peças decisivas na manutenção dos vínculos e no auxílio para que os alunos e alunas seguissem seus percursos formativos.

Chegado o final do ano, nos vimos convidados a rever a proposta do congresso de estagiários que acontece há sete anos. Para discutirmos sobre este trabalho, em tempos de pandemia, convidamos cada um deles a escrever sobre sua experiência durante o isolamento.

É com enorme prazer que tornamos públicas estas reflexões. Que sirvam de registro deste tempo, um momento histórico em que aquilo que nos atravessa deixa marcas, memórias e infinitos aprendizados para quem, como estes jovens, soube viver intensamente as possibilidades e os desafios, e fez do encontro com a escola e com os alunos e alunas o melhor pretexto para se afirmar educador.

Boa leitura e boas reflexões,

Ana Cristina Dunker

# EDUCAÇÃO INFANTIL

## **GANHOS, PERDAS E APRENDIZADOS**

**Gabriela Araújo da Silva**

**Giovanna Costa de Souza**

**Nathalia Sales Fernandes**

Graduação: Pedagogia

Educação Infantil – Infantil 3 e Infantil 5

Coordenadora: Marcia Hyppolito

Damos início a este artigo falando dos ganhos e perdas que o cenário atual está proporcionando a nós. Como estagiários, estamos adquirindo um aprendizado único, que provavelmente não voltaremos a vivenciar tão cedo. São diversas experiências que este cenário nos proporcionou, principalmente o relacionamento mais estreito com os professores.

Mesmo que muitas vezes nos encontremos nos bastidores dos acontecimentos, estamos ao mesmo tempo atuantes, tendo que lidar de maneira mais próxima com os dilemas atuais, junto aos nossos parceiros professores. Outro ganho extremamente importante, foi aprender a usar a tecnologia ao nosso favor em prol da educação, e a cada encontro virtual, valorizamos cada vez mais o ambiente escolar, o afeto, o contato e os momentos juntos, pois isso faltando, deixa nosso trabalho menos potente. Uma das funções principais da escola é o exercício do coletivo.

Nesta caminhada árdua e repleta de desafios, encontramos diversos problemas. Desde situações com conexão até conseguir atender as necessidades e interesses das crianças e do grupo. Estávamos vulneráveis diante dos diversos imprevistos que aconteciam o tempo todo e nos pegavam de surpresa, como falha na internet, queda de energia, problemas com computador, vizinhança barulhenta, obras no prédio, problemas familiares...

As crianças também passavam por estas situações, que agora faziam parte do nosso cotidiano, mas ainda haviam outros desafios como a disponibilidade dos familiares para realizarem as propostas, afetando a continuidade dos assuntos abordados. Ainda tínhamos que administrar as distrações causadas pelo ambiente familiar como brinquedos, irmãos e animais de estimação.

Apesar dos encontros virtuais serem uma boa ferramenta para fazer a manutenção do vínculo com os alunos, sentimos que, nesse momento, houve um distanciamento entre nós, estagiárias, e as crianças, justamente por nos concentrarmos mais nos bastidores das “lives”. Entretanto, a relação com os familiares de cada criança, se tornou mais próxima, pois este novo formato exige uma maior comunicação e troca entre professor, estagiário e família.

Quando esta situação passar, temos certeza que sairemos mais fortes, unidos e preparados para desafios inesperados, com a consciência de que precisamos ser versáteis, criativos e estarmos dispostos para aprender sempre coisas novas que nos tirem da nossa zona de conforto, para lidar com as dificuldades da melhor forma possível.

Nosso projeto nasceu depois de uma conversa sobre essa situação e observou-se a necessidade de falar a respeito disso com as crianças, mas muitas dúvidas nos cercavam. Como falar? O que eles já sabem? O que abordar primeiro?

Nosso maior suporte, foi o texto e a “live” da psicanalista Ilana Katz, pois sabíamos que era um assunto extremamente importante de trazer para as crianças, mas muito delicado e complexo, portanto, o cuidado para falar deveria ser dobrado.

*“A oportunidade, diante da infância, acredito, é que possamos incluir as crianças no debate sobre nossa organização social. ”*

*Ilana Katz*

Escolhemos abordar tudo isso através de histórias lúdicas com experimentos, para que as crianças pudessem assimilar melhor o que estávamos querendo transmitir a elas.

*“Muito rápido, aprendemos que não falamos com todas as pessoas do mesmo jeito. Isto é, não falamos com todas as crianças de sete anos da mesma maneira ou com todas as de três de outra. Manuais sobre “o que falar para as crianças”, sozinhos, não nos ajudam muito a escutar os nossos interlocutores. É por isso também que iniciativas como o COVIBOOK ou o vídeo da experiência da pimenta, que viralizou recentemente, são importantes como disparadores de conversas entre adultos e crianças. ”*

*Ilana Katz*

Nos organizamos e decidimos primeiro falar de todos os cuidados necessários para manter uma higiene adequada, das mãos e objetos, para evitar a contaminação e disseminação do Corona vírus.

*“É indispensável que elas e nós saibamos que o cuidar de si é também cuidar dos outros.”*

*Ilana Katz*

Mas, além da doença atingir nosso sistema imunológico, ela também atinge nossos sentimentos e pensamentos. Ela exige que fiquemos longe de quem amamos, que deixemos alguns hábitos, que deixemos de frequentar alguns lugares, além de causar diferentes sensações em cada pessoa. Por isso, decidimos abordar alguns desses sentimentos que nos rodeiam: saudade, tristeza, medo, angústia, felicidade... Todos já sentimos tudo isso, cada um em um momento, mas o importante é entender esta situação para que possamos aprender a lidar com ela e não perdermos nosso controle.

Propomos diferentes atividades em cada história ao decorrer do projeto, e tivemos apenas alguns retornos. Mas, ao conversarmos com eles em “lives”, notamos que, apesar de os retornos das famílias serem poucos, as histórias estavam sendo acessadas. Ao final de cada uma, sempre estimulávamos para que eles realizassem as atividades propostas e nos enviassem.

Contudo, o objetivo do projeto não era dar as crianças uma solução mágica a todos os sentimentos e dilemas que estamos passando, mas sim, mostrarmos a elas de alguma maneira que todos nós estamos no mesmo barco, sentindo as mesmas coisas que elas, assim, tentando lidar da melhor maneira com todas as dificuldades que surgiram nesse período.

Agora, voltaremos com as histórias que tratarão desse momento tão esperado: a volta à escola. Seguindo no mesmo objetivo de mostrarmos a elas que, apesar do momento ser muito esperado, as incertezas e o medo também nos cercam, mas agiremos da melhor forma possível cuidando de nós e também dos outros.

Este ano foi singular, diferente e cheio de desafios. Por isso, ao pensarmos e conversarmos sobre nosso trajeto, identificamos cinco momentos importantes. Abaixo, seguem nossas reflexões para estes momentos, que influenciaram nossa formação em 2020.

### **Sons (PARTE 1- O Início do ano 2020)**

Os dias letivos começavam e a nova rotina vinha à tona. Crianças eufóricas atravessavam o portão, cheias de energia e prontas para criar, desenhar e brincar. A ansiedade e o entusiasmo nos rondavam e juntos iniciávamos a nova rotina com novos desafios.

✓ Bárbara: Este é o meu segundo ano como estagiária na Carandá. Sentia-me animada para saber como seriam nossos dias. Ao passar pelo portão, tinha a mesma sensação dos pequenos: euforia. Estava cheia de energia e com vontade de aprender. Meus dias começavam às 11h30, era normal chegar no final do almoço do Integrado e auxiliar na preparação dos pratos do grupo de Infantil 3. Confesso que as primeiras semanas foram árduas, mas aos poucos fui percebendo pequenos sons que aconteciam ali e passavam despercebidos; sons de passos, gargalhadas e muita diversão.

✓ Débora: Iniciava minha rotina às 7h30. Antes da pandemia, ia ao parque auxiliar na chegada dos grupos. Nesse horário, conseguia me atentar aos sons que o parque proporcionava: pássaros, vento, sons de folhas de árvores, conversas, saudações de bom dia e despedidas das famílias. Esses eram alguns dos sons que me cercavam diariamente. Este é meu segundo ano na escola e eu me sentia animada para iniciar o trabalho com mais um grupo, novas aprendizagens e desafios.

Ser estagiária de duas turmas não foi uma tarefa fácil de início, afinal precisávamos nos atentar e adaptar a particularidades, rotinas e hábitos de grupos diferentes. A sensibilidade de observar e perceber o outro foi uma das características a ser desenvolvida para conseguir contemplar ambos os grupos. Algumas de nossas funções rotineiras eram organizar o ambiente para proporcionar determinadas atividades, nos atentar para a organização de materiais que seriam usados no parque ou no tanque de areia, auxiliar as crianças e professoras e acompanhar as idas ao banheiro, sempre ressaltando os cuidados com os pertences de todos. Sons de crianças criando, brincando e se divertindo nos contagiavam e, da saída, escutávamos as conversas rápidas em frente ao portão.

### **Readaptação (PARTE 2)**

A pandemia veio e com ela sentimentos desorganizados, altos e baixos, perguntas sem respostas e diversos anseios. No início, achávamos que era algo que passaria rápido. Não havia necessidade de pânico. Essa pausa seria temporária e tudo retornaria em alguns dias. Mas os dias passaram e nossas convicções se embaralharam. Tudo estava mudando e se readaptando.

### **O silêncio (PARTE 3)**

✓ Bárbara: O silêncio do meu quarto às vezes me fazia refletir sobre quais caminhos seguir e quais decisões tomar. Pensava milhares de vezes em como ser uma educadora descontraída, mas exigente. Deveria ser discreta ou mais ousada? Criativa ou rotineira? Como seriam meus dias dentro da sala de aula em tempos de COVID? Confesso que essas foram perguntas que rondaram meus pensamentos.

✓ Débora: Ao presenciar as movimentações para uma readaptação da escola, me sentia apavorada. Uma quarentena que deveria passar rápido trouxe novas maneiras de pensar a educação. Como eu deveria agir? Como poderia contribuir para esses novos e provisórios dias? Buscava pessoas com as mesmas aflições para partilharmos pensamentos e anseios.

#### **Lembranças (PARTE 4)**

Sons de crianças correndo e brincando, gargalhadas, perguntas, criações e até mesmo pequenos gestos nos fizeram muita falta no período de quarentena. Os rostinhos nas telinhas não eram o suficiente para amenizar o vazio que sentíamos. Buscamos encontrar um equilíbrio no novo cenário. O olhar cativante agora vinha em forma de tecnologia e uma nova rotina dominou o mundo. Readaptações, parcerias e novas maneiras de agir foram essenciais para construir vínculos e agregar ao momento, dando abertura para uma nova experiência.

#### **Levo comigo (PARTE 5)**

Neste momento, estamos em isolamento há quase 197 dias e a expectativa de retornarmos é, agora, algo perceptível.

Temos vivido o retorno parcial dos encontros presenciais, em mais uma nova rotina com todos os protocolos necessários a esse momento. Os sentimentos voltam a florescer. Um misto de ansiedade, animação, medos, anseios, dúvidas e alegrias que voltam à tona. Este ano tem nos proporcionado novas experiências do que é ser professor e nos mostrado quão necessário é o trabalho em equipe e o equilíbrio nas áreas emocionais para a realização do nosso trabalho. Estamos vivendo as experiências e os desafios como algo inovador em nossas vidas.

Levaremos conosco todos os momentos, os sons, os olhares e os desafios. O ciclo de estágio se encerra, mas saímos otimistas para assumir uma turma. Agradecemos imensamente por nos proporcionarem esses momentos transformadores e inspiradores. Obrigada!

## **SIMBOLIZAR O DESCONHECIDO**

**Thais Chagas Lima Tomazelli**

**Thuane Silva Madeira**

Graduação: Pedagogia

Educação Infantil – Infantil 5

Coordenadora: Denise Pinhas

Nosso ano começou com muita animação. Estávamos cheias de ideias, vontades e desejo de realizar muitas coisas.

Sabíamos dos grandes desafios pela frente: o grupo, a quantidade de crianças, a adaptação... Mas estávamos juntas e contávamos com a parceria que construímos no curso de férias. Não demorou muito para nos sentirmos próximas à Amanda também. Uma equipe com escuta ativa, troca, conversas, desabafos e confiança.

Pouco tempo se passou na construção desse vínculo entre nós e os alunos e pensamos em um projeto pautado na contação de histórias que trabalhasse o imaginário e os sentimentos de forma lúdica. Nossa cabeça estava a todo vapor com a possibilidade de criar grandes vivências e experiências com as crianças, construção que seria totalmente realizada com a parceria delas.

Mas o que seria imaginar? O que seria trabalhar sentimentos? O lúdico já não faz parte do dia a dia da escola? Esses fatores não se fazem presente nas intervenções diárias que realizamos com as crianças?

No meio de tantas ideias, levantamos diversos pontos importantes e surgiram muitos aprendizados, como também certa desmotivação por não sabermos se estávamos no caminho certo. Ao longo de todo o percurso, tivemos na Amanda uma base sólida. Ela foi fundamental no processo de formação que estamos vivendo – seu incentivo e a confiança em nosso trabalho sempre nos motivaram a acreditar que se aprende entregando seu melhor e seguindo seus estudos e embasamento.

Então, chegada a hora de dar início ao nosso projeto, começamos!

Porém, um desafio gigantesco nos aguardava: o ano de 2020, que veio para ensinar muito mais do que a simples elaboração de um projeto e/ou a construção de parcerias. Veio para nos ensinar principalmente a nos inovarmos, reconstruirmos e recomeçarmos.

Não tínhamos gabaritos prontos para essa nova fase no ano. Com a parada total em função pandemia do COVID-19, o medo e o desconhecido nos paralisaram totalmente.

Como lidar com o “novo” jeito de trabalhar e como adaptar um projeto totalmente presencial para o modo remoto? O desafio era grande, mas não impossível. No meio de tudo isso, todos nos encontrávamos necessitados de acolhimento e do tão esperado contato diário.

As telas dos computadores, celulares, tablets etc. se tornaram o nosso principal meio de contato com o outro. Isso foi uma grande adaptação para todos, sobretudo para as crianças que, em meio a esse furacão, não estavam conseguindo assimilar tais mudanças.

Nos preocupamos sobre como os sentimentos estavam se afluindo durante esse processo de quarentena, no qual as crianças não estavam vivenciando os momentos tão ricos da Educação Infantil, que tanto colaboram para o desenvolvimento cognitivo, psíquico e social. Momentos nos quais, através do brincar e do contato com o meio, aprendem mais do viver, do sentir, do tocar, do brincar e do socializar. Foi através de todos esses questionamentos

que, nesse processo tão único e tão rico de formação, começamos a repensar a necessidade de fortalecer os vínculos com a imaginação, com a ludicidade, com a verbalização dos sentimentos e principalmente com o ser criança, durante uma pandemia. Criança sente, entende, compreende, representa e ressignifica.

Através de contos, brincadeiras, histórias e propostas desafiadoras, tivemos como objetivo o fortalecimento de vínculos entre os alunos. Os contos e histórias tinham uma mensagem central, que intensificava o tema da simbolização e verbalização dos sentimentos aflorados nesse período.

Foi incrível e encantador perceber a evolução e adaptação das relações dos alunos com as telas e entre eles. Contudo, percebemos a importância de fortalecer a verbalização dos sentimentos em todas as situações, não só em momentos desafiadores. Além disso, confirmamos a importância do fortalecimento dos vínculos entre as crianças e nós (equipe) e da afetividade construída e, através do sonho adaptado que foi nosso projeto, sentimos o quanto é gratificante ver a evolução diária de cada aluno.

## COMO SE FOSSE A PRIMEIRA VEZ ...

**Mariana Freitas Sousa**

Graduação: Pedagogia

Educação Infantil - Infantil 5

Coordenadora: Denise Pinhas

O que me espera, o que vou buscar, frente a uma pandemia assim, de um dia para o outro?

Trancafiada em casa, de quarentena!

Inquieta, deitei-me, em meio a um turbilhão de pensamentos, anseios, medos e inúmeras expectativas diante de infinitas possibilidades.

Agitada, acordei, atenta ao relógio, ainda carregada de expectativas. Eita coração que palpitava.

Ah, eu conhecia aquela sensação...

Um chá de capim-limão, dois e três! Não foram suficientes para acalantar tudo aquilo que eu estava sentindo. Ora tudo, ora quase nada. Um vazio carregado, uma dúvida entre falar ou escutar. Uma dúvida sobre como embarcar com todas as intenções que antes eram definidas por meio do contato, com tato, e que agora seriam assim, pensadas e vividas à distância. Dúvidas...

Chegou a hora.

Câmera direcionada, fones de ouvidos – que antes viviam embolados dentro da minha bolsa – a postos, sentada em minha cadeira com uma postura que não durou por tanto tempo e muita, muita tremedeira.

Como se fosse a primeira vez...

Ah, eu conhecia aquela sensação, agora um tanto quanto escancarada em meu rosto no canto da tela. Voz falha, ao contrário das que vinham dos outros lados, com euforia, ânimos exaltantes com o chat, gifs e o colega que não aparecia na tela, mas estava presente: “Fala mais para você aparecer aqui, não estou te vendo”.

Fluiu, e como tudo, teve um fim. Mas aquela sensação, aquela que eu conhecia de algum lugar, encasquetou em me acompanhar. Ficou. O que estava em modo introspectivo aflorou. Ainda em minha cadeira, encarando esta mesma tela que olho agora ao escrever, refleti.

Talvez eu estivesse um tanto quanto acomodada ao que já era e esse desassossego me deu uma beliscada daquelas de filme, com direito a aperto e giro. Por que estou sentindo esta sensação de novata em campo novamente? Aliás, o que é ser novata? Que ideia é essa de que sentiria só uma vez a sensação do novo, com o mesmo grupo?

Com tanto e, contudo, aprendi.

Venho aprendendo...

Com um insight pós conexão entre distintas localidades e espaços, concebi o quanto sou. E mais: o quanto ainda tenho para ser, ter, viver, permitir, dar, receber e estar no controle. Mediar, especificamente e com cautela, tantas expectativas.

Como se fosse a primeira vez...

Agora, estou no aconchego de casa que, em alguns dias, não me acolhe tão bem assim. O gostoso do lar são as histórias que contamos a ele ao nos deitar agarradinhos ao travesseiro, experiências e vivências que agora cochicho ao anoitecer, acompanhada de meu celular. É, realmente, da noite para o dia, com intenções e percepções ressignificadas, que reconheço que ainda estamos em processo, apreendendo, vivendo ou até mesmo sobrevivendo.

Somos, estamos, e seremos sempre aprendizes mesmo em um espaço e lugar que já conhecemos, ou melhor, achamos que conhecemos.

Em uma eterna metamorfose, compreendi que pertencer não é sinônimo de ser tudo aquilo. Que, com tanto, somos sujeitos passíveis de enfrentamentos e se nos permitimos, logo, nos constituímos. Somos.

Sempre há mais para desbravar, descobrir e destrinchar.

Como se fosse a primeira vez...

## **APRENDENDO COM O PASSADO, PARA CONSTITUIR O PRESENTE, O FUTURO: “SANKOFA(I)”**

**Samantha Rocha Silvério**

Graduação: Pedagogia

Educação Infantil - Infantil 5

Coordenadora: Denise Pinhas

Sobre ter a vida afetada pela pandemia, fico apenas com os impactos que considero positivos. Dentre eles, enquanto estagiária formada na Carandá Vivavida, pude refletir mais intensamente sobre as práticas vivenciadas anteriormente, lembrando de situações ocorridas nas aulas presenciais. Parecia o caminho para sair da superficialidade gerada pelas incertezas que rondavam o momento, para conceber melhor os aprendizados provenientes deste novo modo de experiência que incluiu resgates de memórias e observar com atenção a vivência neste novo jeito de vida.

O mundo caminhava em passos diferentes de antes, e para fazer da minha trajetória valer, eu precisei acompanhar este compasso. Então, calcei meus pés com autonomia e concentração para superar esta fase da formação. Ainda como discente, senti que precisaria encarar minha experiência como parte do processo de construção dos conhecimentos que norteariam minha trajetória futura. Necessitava garantir os vínculos com as crianças, para compreender as experiências deste tempo remoto, exercendo maior entrega nas tentativas e buscando agregar dentro das possibilidades existentes.

Durante este novo modo de trabalho, confirmei que meu processo de formação contava com um fator crucial entre nós: a distância bruscamente determinada. Ter um bom empenho dependeria do meu envolvimento nas possíveis soluções que poderiam reduzir ou melhorar os impactos causados pelo afastamento. Em todo caso, a “solução” para reduzir esses impactos estava no uso da tecnologia, que serviu como aliada da educação e como extensão da escola.

Agora, estávamos conectados virtualmente e isso proporcionou diferentes tipos de interações em um contexto que se reconduzia. Caminhamos relativamente bem por meio das linguagens digitais, como meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de emojis, presentes na plataforma digital que se transformou em sala de aula virtual. Aprendi muitas coisas novas. Nos encontros online, busquei captar os interesses das crianças com o intuito de contribuir para as propostas e exercitei habilidades que sustentaram minha prática: planejei receitas, dobraduras, experiências, contei histórias, fiz mímicas online, tentando colocar em prática as ideias que sugeriram.

Manter a mente criativa e alerta para captar e planejar oportunidades foram meus maiores desafios. Neste processo, surgiram dúvidas e incertezas. Eu ouvia muito sobre encontrar coisas que fizessem sentido, mas como achar sentido sem saber se as crianças estavam gostando do que propúnhamos? Neste momento, descobri o valor das experiências adquiridas com os pares. Em meio às instabilidades, conseguia sentir a firmeza de quem me norteava e sustentava os objetivos. É como a metáfora de Isaac Newton: "se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes". Neste caso, a gigante me apontava possíveis caminhos que até então eu não tinha encontrado. Essas trocas eram como um bálsamo para os dias de aflição.

Vivenciar um momento histórico pode ser conturbado. Mas, como bagagem pessoal, levo o aprendizado de que, para resistir às mudanças rápidas da sociedade, foi preciso municiar-me de informação, conhecimento e ação, de modo a percorrer uma trajetória que pudesse fazer a diferença. Levarei esse aprendizado também em meus

caminhos profissionais, juntamente com a convicção de que preciso ser tocada por algo durante minhas vivências, para assim fazer valer minha existência.

---

*(1) Segundo Abdias do Nascimento, o conceito representado pela Sankofa traduz-se por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.*

# FUNDAMENTAL I

## O SENTIDO DO QUE NOS ACONTECE

Larissa Hashimoto Martins

Graduação: Pedagogia

Ensino Fundamental I – 1º. Ano

Coordenadora: Renata Araujo

Experiência, aquilo que nos toca<sup>(1)</sup>. Como apropriar-se da experiência de estar na escola como educadora pela primeira vez? Tudo é aprendizado, novidade e descoberta, dúvida e frio na barriga. Mais do que professora, sou aluna. Desde o primeiro dia na escola o trem da rotina segue sem parar, não para nas estações, vai seguindo e nós vamos acompanhando, pendurados em sua porta para conseguirmos (absor)ver tudo. E assim, na repetição dos horários, mas nunca dos acontecimentos, o desconhecido se torna familiar. Inesperadamente o trem para e somos obrigados a descer. Seguimos viagem, caminhando em uma mesma direção, porém, separados. O desconhecido surge novamente. Como será esse recomeço?

Em 2020, a mudança do ensino presencial para o ensino remoto emergencial trouxe uma alteração nos tempos e espaços vividos por aqueles que frequentam ou estão junto aos que frequentam a escola. Diante do inédito, muitas vezes só conseguimos pensar a experiência com os sentimentos: para mim, o que mais pulsa neste momento é o pertencimento aos coletivos, pois o fazer sozinho não é possível nessas circunstâncias. Como estagiária, este texto é uma tentativa de elaborar a vivência dessa travessia entre diferentes tempos e espaços escolares e traduzi-la em palavras, pensando na convivência com pessoas diversas em diferentes esferas do trabalho escolar e nos aprendizados mais enternecedores e constituintes da minha formação como educadora.

O primeiro elemento analisado é o coletivo-escola, ou seja, a Carandá Vivavida como instituição que possui um PPP acontecendo na prática e reflete uma série de escolhas que são feitas pela equipe como um todo, todos os dias. Participar das reuniões de equipe permitiu que eu compreendesse melhor a complexidade das tomadas de decisão que envolvem diferentes formas de enxergar e pensar as situações. Foi muito significativo também presenciar momentos em que o individual se transmuta em coletivo: nas trocas de experiências, no compartilhamento de sugestões, impressões e emoções de cada um neste momento tão único e incerto.

Refletir sobre o trabalho desenvolvido pela equipe do 1º ano é pensar em como o aspecto coletivo se realizou através da parceria criativa. A nova dinâmica de trabalho trouxe a possibilidade de nós, estagiárias e estagiários, participarmos do planejamento das atividades e intenções pedagógicas semana a semana. Isso permitiu construirmos uma relação de parceria com os professores baseada na afetividade e colaboração. Entendida como a condição do afetar e ser afetado pelo outro e também como a “disposição do ser para com o outro, da abertura para perceber o outro, acolhê-lo para juntos, renascer, reconstruir, ser”<sup>(2)</sup>, a afetividade contribuiu para a construção de um precioso e rigoroso<sup>(3)</sup> trabalho, assim como a disponibilidade de cada um, junto com a diversidade de formações, saberes e pontos de vista da equipe.

A aproximação com os professores trouxe também uma deslumbrante ampliação do meu repertório pessoal e profissional. A todo momento fui apresentada a novos olhares para o que está no currículo e a novos alimentos oferecidos por educadores preocupados e conscientes com seu trabalho em termos sócio-político-culturais. Levarei comigo que ser professor do 1º ano é viver, conhecer e pensar a educação a partir do que é nosso, da cultura popular e, pensando em como isso chegará às crianças, do encantamento.

Esse mesmo encantamento descreve o que foi a descoberta da infância com os olhos de educadora: sua intensidade e potencialidade, por meio da troca diária com as crianças e da criação de vínculos com elas. Participar do coletivo 1ºBM e presenciar sua constituição como grupo trouxe um saber da experiência único, pois, para além

do ineditismo de sensações e percepções, “cada grupo tem seu jeito de lidar, de viver o tempo de que dispõe. Cada grupo tem seu ritmo e sua organização no tempo e no espaço em que vive”<sup>(4)</sup>. Criar uma rotina com a turma - ainda que no ambiente virtual - permitiu dar um passo adiante e observar as dinâmicas de troca e elaboração de conhecimento, com base nas provocações (intencionais) da professora e nas hipóteses criadas pelas crianças, que vão desde a leitura e escrita das palavras até a leitura do mundo ao seu redor. Além disso, ter como parceira uma professora como a Dábila me mostra, todos os dias, como levar nossas intenções pedagógicas e compartilhar a vida com as crianças de forma leve, compromissada e alegre!

Como afirma Jorge Larrosa Bondía, a experiência nos toca e, por isso, nos forma e transforma. Tocada por cada reunião, a cada semana, com minha professora-parceira-amiga, a cada frase inesperada das crianças durante as aulas eu me transformo e, inserida em um caleidoscópio de mudanças, oportunidades e aprendizados, me formo uma educadora mais segura e sabida do que é ser professora.

---

(1) Bondía, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução: João Wanderley Gerald. *Revista Brasileira de Educação*. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

(2) Fazenda, Ivani C. A. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 88.

(3) *O rigor é uma das bases do Projeto Político Pedagógico da escola*.

(4) Weffort Madalena Freire. *Rotina - Construção do tempo na relação pedagógica*. In: *Cadernos de reflexão - Espaço pedagógico*. Noitadas pedagógicas, 1992, p. 13.

## **DO PRESENCIAL PARA O VIRTUAL**

**Pamela Ripa Monte de Oliveira**

Graduação: Pedagogia

Ensino Fundamental I - 1º. Ano

Coordenadora: Renata Araujo

*“Mudar é difícil mas é possível.”*

*Paulo Freire*

No início de 2020 entrei na escola Carandá Vivavida como estagiária, tendo como papel a missão de oferecer apoio escolar para as turmas com crianças em situação de inclusão. No início, quando me chamaram para conversar se eu teria interesse em trabalhar nessa área com crianças com necessidades especiais, meus olhos brilharam e sem dúvida alguma respondi que sim. Essa área da educação sempre me chamou a atenção. Sempre quis ter um contato maior com crianças em situação de inclusão e por isso minha resposta foi sim, sem nenhuma dúvida. Nesse novo momento da minha carreira, a ansiedade e o medo não estavam presentes e isso fez com que eu me entregasse 100% a essa oportunidade de conhecer melhor essa área que tanto me encanta. Definimos que eu acompanharia três turmas: uma criança do Primeiro ano, uma do Segundo ano e uma do Terceiro ano. Fiquei com os três grupos por um tempo, até me apegar demais à aluna do Primeiro ano e ela a mim. Em decorrência da avaliação de que seria importante ter uma pessoa específica para acompanhar essa aluna, deixei o papel de apoio aos grupos e passei a ocupar o papel de segunda estagiária da turma do 1ºA da Aline e do Giulio. O vínculo criado entre a aluna e eu contribuiu para essa avaliação. Segui com eles do início do ano até o começo da pandemia/quarentena.

A pandemia marca outra mudança. Depois de um tempo vivendo a quarentena, sem previsão de volta, ocorreram algumas mudanças no quadro de estagiários e, com a redução da equipe, fui convidada pela coordenação a assumir como estagiária da outra turma de Primeiro ano. Que mudança, né? Entrar com uma turma nova, novo professor e ainda mais em meio a uma pandemia com aulas remotas. No início não foi nada fácil criar vínculo com as crianças pela tela, criar uma parceria com o novo professor e identificar o nome de todas as crianças. Depois de alguns meses com essa turma maravilhosa, posso dizer que são os amores da minha vida. Criei um vínculo com eles que eu não imaginava que criaríamos e com o Lucas então, não preciso nem falar, somos super parceiros.

Como foi essa mudança do presencial para um remoto com mais mudanças? No início, senti medo e insegurança diante da novidade, sentimentos que acredito terem sido comuns a todos, na verdade. O vínculo com as crianças e com o professor permitiu que a insegurança desse lugar à confiança, que começou a aparecer. Nesse período, o vínculo com as crianças vem crescendo e a parceria só aumenta.

O que mudou para mim do presencial para o remoto? Muitas coisas mudaram. Nós, professores, em um curto espaço de tempo fomos chamados a guardarmos os nossos antigos saberes na gaveta e abrimos nossas janelas virtuais em prol de uma causa maior, que não pode e não deve ser interrompida: o aprendizado dos nossos alunos. O momento atual é ainda mais delicado, porque saímos de um espaço sólido com o qual já estávamos acostumados e de uma rotina estruturada para um novo espaço, com o compromisso de mantermos os alunos no pique em que estavam. O contato humano de nossas relações durante as aulas presenciais faz muita falta. Pelo menos é apenas uma fase e sabemos que uma hora ela vai acabar, mas não deixa de ser difícil.

Apesar de todas as dificuldades, tivemos que nos adaptar a essa nossa fase e aprender a lidar com nossos medos e angústias, para que conseguíssemos trabalhar e passar para as crianças o nosso melhor. Como diz Paulo

Freire, mudar é difícil, mas é possível e nós professores passamos exatamente por isso. No final, sinto que conseguimos. Sinto que, com as aulas remotas, aprendi que um dos segredos foi ter como objetivo o acolhimento e o cuidado dos aspectos socioemocionais e físicos de todas as crianças e o fato de fazer com que se sintam importantes e valorizadas mesmo de longe. Nós, professores, estamos conseguindo vencer os desafios e, com toda certeza, todo o empenho e preparo de toda a equipe contou muito. Podemos perceber que essa mudança trouxe um ambiente ainda mais colaborativo entre todos, e essa união é muito bonita nesse momento.

CINCO...

Que venha 2020! Mais um ano de estágio, o último... Infelizmente. Mas tem chão, um ano inteiro ainda pela frente. 2019 foi bom, muito bom, mas é aquilo né: primeiro ano de estágio, muitas novidades, descobertas, inseguranças... Até engatar foi chão. Mas foi só um aquecimento para 2020, que tem tudo pra ser melhor! TUDO!

Como um ser humano ansioso, mal o ano acabou e a cabeça já está cheia de ideias para o próximo. Até música para festa junina já tenho separada. Mas vamos com calma, sem sofrer por antecedência também (escutou voz interior?). TRAN-QUI-LI-DA-DE! Essa é a palavra.

Mas podemos deixar a tranquilidade para o ano que vem. Por que o que eu quero mesmo pra começar o ano com o pé direito é ser auxiliar do 1º ano da tarde. Esse é meu primeiro desejo. Mas é só pensar positivo - pelo menos é o que dizem! Vai dar tudo certo. Tem que dar!

Pensa só: 2020 é número par e ano bissexto. Além disso, é o Ano do Rato no horóscopo chinês, o primeiro animal do zodíaco. Ou seja? Ou seja... Não faço a mínima ideia, mas só pode ser coisa boa. Não tem como dar errado, será o ano. Não, O ano, com “o” maiúsculo!

QUATRO...

E o novo ano começa. Novos professores, novas estagiárias, novas crianças, novo período, nova turma, novo tudo! Ah, e “nova turma” essa que é o 1º ano A da tarde. Desejo número um: check! Agora é ladeira acima, sinal de que vem coisa boa por aí! Devia ter feito mais pedidos na virada... Poxa!

Primeiro dia de aula, aquele misto de alegria e medo (e não estou falando das crianças), novos encontros e reencontros. Primeira semana. Primeiro mês. Primeiro ano A.

TRÊS...

Sabe quando você está brincando na rua ou no prédio e a mãe te chama pra dentro e você nunca mais sai? Pois é, 2020 é a mãe, e daquelas bem duras. Todo mundo dentro de casa porque a palavra agora é QUARENTENA. Uma pandemia estoura da China para o mundo. Acho que esse “Ano do Rato”, afinal, não é algo tão bom assim.

“Tudo o que arremete ou invade com ímpeto”, essa é uma das definições de avalanche no dicionário, mas também podia ser a definição de 2020. Sabe quando eu disse que esse seria O ano, com “o” maiúsculo mesmo? Está sendo, mas na direção contrária. Bem contrária.

Se alguém dissesse que esse ano seria assim, você acreditaria?

DOIS...

30 dias. Foram esses os dias de aula presencial. E agora a escola foi para dentro das casas, entrando com tudo, chutando a porta. Sala de aula virou tela. Lousa virou power point. Estojo virou teclado. Agenda virou chat. Carteira virou sofá, cama, chão... Horas juntos viraram minutos. Sorrisos viraram máscaras. Olhares viraram câmeras. Encontro virou saudades!

No meio de tudo isso uma palavra não sai da cabeça. Não, não é “tranquilidade”, essa já sumiu faz tempo. É Teams... Microsoft Teams, o todo poderoso. O muro (virtual) que abriga nossa escola. Quem imaginaria?

E assim, loucamente, fomos nos adaptando e aprendendo a lidar com medos e angústias, nossos e das crianças. Entendemos que a escola é feita de pessoas, seja o espaço físico ou virtual. É claro, nada se compara ao encontro presencial, mas no momento a gente trabalha com o possível. Trabalho esse que não parou, reinventou-se. Ao contrário do que acham excelentíssimos ministros e governantes “atletas”, nós, educadores e educadoras, educamos por escolha e não por incapacidade de fazer outra coisa. Até mesmo em tamanha adversidade, seguimos acreditando em nosso trabalho e - parafraseando Paulo Freire - mudando as pessoas, as crianças, que transformarão o mundo.

Viu? Não só de humor é feito esse texto. E por falar nisso, o ensino remoto tem momentos dignos de uma comédia. De gato passando na frente da câmera e mãe passando de biquíni no fundo a almoços e chupetas no meio da aula e microfone desligado enquanto a gente fala, altas doses de serotonina foram garantidas. É o que de melhor nos resta enquanto não rola uma dose da vacina. Rir é o melhor remédio, mesmo que paliativo.

UM...

Já são 7 meses nos encontrando através de telas e a reabertura gradual das escolas já tem data para começar. Medo? Receio? Empolgação? Nem eu sei nomear o que estou sentindo... Dor nas costas, com certeza, isso sim.

Bom, não vou me arriscar em dizer o que espero desse 3º round de 2020. Se tem algo que eu aprendi é não criar expectativas... Só sei que de uma coisa eu vou sentir saudades da “vida remota”: o poder de desligar microfones. Tá aí algo útil na vida. Será que não tem como instalar algo assim junto com a vacina, não? Um botãozinho no braço que seja?

Ai, estão me chamando na reunião. Preciso ir.

Não!!? MEU TEAMS TRAVOOOU!!

ZERO.

Já ouviu aquele ditado popular, a união faz a força? Pois bem, parece clichê, mas durante este período de quarentena e, conseqüentemente, Ensino Remoto (por conta da Covid-19) ele fez muito sentido na minha vida profissional e pessoal. A parceria estabelecida na equipe a qual faço parte foi peça chave para o enfrentamento das dificuldades e peculiaridades do Ensino Remoto e da situação de isolamento físico em que vivemos.

Devido ao ineditismo deste momento, tudo torna-se aprendizado; os acertos, erros, inquietações... Desde que foi estabelecido esse formato de ensino estamos “pisando em ovos”, diga-se de passagem que, agora em meados de Setembro, os ovos parecem estar com as cascas mais grossas. Temos acertado mais do que nos enganado, eu atribuo este feito à organização e planejamento, além é claro, da partilha que acontece diariamente entre nós (equipe do 1º ano) demonstrando que, por mais semelhante que o planejamento para a aula seja, ela poderá andar de maneira diversa a depender de cada grupo e professora ou professor e está tudo bem, uma vez que reconhecemos que as crianças e adultas(os) que constituem os grupos são únicas(os). O importante mesmo é que a intencionalidade seja mantida.

Ser estagiária na Carandá Vivavida é sinônimo de investigação e aprendizado, mesmo com a pandemia do Novo Coronavírus isso não mudou, pelo contrário, durante estes meses tivemos (estagiárias e estagiário do 1º ano) a oportunidade de acompanhar e ajudar as professoras, professor e coordenadora durante as reuniões de planejamento semanal das aulas. Com isso, podemos saber de antemão quais são as intencionalidades para cada atividade e tema de estudo estabelecidos e conseguimos durante as aulas ter maior autonomia para ajudar as crianças. Além do mais, saber como pode ser feito/pensado um planejamento escolar e no que ele é baseado é essencial para um(a) pedagoga(o) em formação.

Infelizmente, no ensino presencial este tipo de aproximação com o planejamento e com toda a equipe (manhã e tarde) não era possível, primeiro, por que ele era pensado por cada professor(a) e não coletivamente; segundo, porque não cabia dentro do horário de estágio que, era quase cronometrado. Sendo assim, posso dizer que, a pandemia por pior que seja, ainda me trouxe alguns bons frutos que, com certeza, levarei por toda a vida.

## **O ENSINO DA MATEMÁTICA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA E A EXPLORAÇÃO INTERDISCIPLINAR COM AS TURMAS DE SEGUNDO ANO**

**Mariana Monteiro dos Santos**

**Stefanni Rodrigues da Silva**

Graduação: Pedagogia

Ensino Fundamental I - 2ºs. Anos

Coordenadora: Patricia Caselli

De um dia para o outro, tudo mudou. As pessoas precisaram ficar em suas casas, as ruas tão movimentadas passaram a estar vazias e as escolas precisaram encarar o silêncio da solidão. Já não havia o abraço de boas-vindas na porta, o “boa tarde” do seu Zé, as risadas pelos corredores, as crianças correndo durante o intervalo e nem mesmo as brincadeiras. De um dia para o outro, passamos a nos ver em telinhas quadradas e surgiu a necessidade de uma verdadeira revolução. Revolução que nos levou, como indivíduos e como escola, a refletir e reinventar inúmeras vezes a nossa prática, a forma como construímos as nossas relações, como nos vemos, como damos e recebemos afeto e como aprendemos e ensinamos.

A pandemia nos lembrou de que não sabíamos tudo em relação às didáticas e tivemos que nos aprimorar em um curto espaço de tempo, explorando as novas ferramentas e esse novo modo de ensinar.

A escola foi para dentro das nossas casas e o sentimento inicial de impotência e despreparo foi sendo superado aos poucos através de aprimoramentos e da afinidade com o ensino remoto. A sala de aula ganhou novos significados e o ensino foi acrescido de novas ferramentas. Aprendemos juntos, dia a dia, muito mais do que poderíamos imaginar.

No trabalho com o segundo ano do Fundamental I, as propostas ganharam uma nova perspectiva e o ensino da matemática foi conquistando as crianças, de forma que até mesmo as famílias notaram e começaram a nos trazer relatos do envolvimento de seus filhos. Nas avaliações semanais, ouvíamos do grupo o pedido de mais desafios coletivos. As professoras investiram muito para que as propostas, mesmo à distância, fossem interdisciplinares e atrativas para as crianças. Começamos o trimestre navegando através da matemática e da literatura com o livro “Os Problemas da Família Gorgonzola”, de Eva Furnari. Seu Oto, Dona Bárbara, os três filhos e o cachorro Leo foram os comandantes nessa jornada repleta de desafios matemáticos e bom humor. Aos poucos, foi possível criar relações entre a matemática e o dia a dia, aproximando-os e dando sentido ao aprender. Durante as aulas em subgrupos, fizemos socializações sobre métodos de resolução de problemas, possibilitando que as crianças pudessem argumentar, ampliar suas visões sobre outros métodos e jeitos de se pensar matematicamente e elegendo para si, posteriormente, o jeito mais fácil de resolver as questões. Ao aproximar a matemática à linguagem, JACOBK (2017), diz: “propomos que se ensine matemática desenvolvendo situações em que a criança tenha que falar, ler, escrever e, até mesmo gestualizar, em linguagem matemática, mas podendo apoiar-se em sua língua materna”.

Em um contexto de aproximação com a linguagem da arte, as obras “Grande Fachada Festiva”, de Alfredo Volpi e “Operários”, de Tarsila do Amaral, foram cenários de desafios matemáticos em grupo. Quantas bandeirinhas nós conseguimos colocar igualmente em cada janela sem que haja sobra? Se nesta obra foram retratados todos estes operários, será que conseguimos saber quantos olhos foram pintados, sem contar um por um.

Os desafios matemáticos foram ampliados à medida que as crianças foram se identificando com as propostas, que gradativamente se adequaram ao novo formato de aula. O uso de jogos e brincadeiras online foi ganhando espaço conforme os alunos se apropriaram das ferramentas digitais, possibilitando que o lúdico continuasse fazendo parte do seu dia a dia. Em jogos como Canhão Numérico, Põe 10, Tira 10 e Composição de

números com fichas numéricas, eles compartilharam suas telas e fizeram chamadas para jogarem juntos dentro da plataforma usada pela escola.

A partir de um olhar atento para os diferentes momentos do aprendizado em que cada criança se encontrava, as aulas diversificadas tiveram um papel importante, com o objetivo de atender demandas específicas relativas à matemática em grupos menores. Assim, pudemos identificar as dificuldades de cada aluno e focar em seus avanços.

Aprendemos que é possível aliar diferentes matérias mesmo à distância e esta interação entre a matemática, a literatura e as artes trouxe leveza e ressignificação para as aulas. O conceito de interdisciplinaridade foi explorado de modo a favorecer uma aprendizagem integral e significativa, nos mostrando a importância da humanização da matemática e possibilitando a pluralidade e fortalecimento das trocas mesmo à distância.

13 de março de 2020, tudo mudou. Fomos surpreendidos por uma doença que acompanhávamos apenas pelos noticiários e que, até então, parecia estar muito distante. Foi decretada a quarentena: agora era real, o vírus e o medo rapidamente se espalhavam pelo nosso país. Tudo estava fechando, inclusive as escolas, que teriam até o dia 24 de março para interromper suas atividades presenciais. Uma semana foi o tempo que tivemos para digerir esses acontecimentos e nos estruturar para o que estava por vir. Pouco a pouco, a escola foi encolhendo, perdendo seu movimento e alegria. No dia 24, as aulas foram oficialmente suspensas e passamos a compreender, dia a dia, o que nos pauta até agora: ensinar e aprender na incerteza.

Com a suspensão das aulas presenciais, professores, alunos e familiares se viram em uma condição de vida desconhecida para todos. Muitas “certezas” foram abaladas, sendo a principal delas que a presença dos alunos e professores no ambiente da escola é essencial. Como nos despir dessa forma de ensinar e nos adaptar ao universo virtual? Nesse momento, o engajamento e o compromisso da escola e dos professores com a aprendizagem de seus alunos foram fundamentais. O vínculo e confiança preexistentes foram os norteadores nesse processo de transição. Logo, as incertezas geradas nesse momento tão delicado começaram a transformar-se em ensinamentos.

O processo educativo é fundamentalmente relacional e essas relações têm, de uma forma geral, um caráter essencialmente afetivo. Um dos principais ensinamentos que a incerteza possibilitou foi o de ressignificação das relações dentro de todas as esferas, sem perder sua essência afetiva. Assim, gostaria de elencar cinco aspectos relacionais que pude observar nesse novo período que estamos vivendo.

O primeiro é a relação comigo mesma. Apesar de sempre ter dúvidas e angústias, aprendi a ser paciente e resiliente. Dessa maneira, consegui compreender com clareza meu papel dentro da rede escolar.

O segundo é a relação com a professora com quem compartilho a turma. Esse contexto relacional assumiu outros patamares, pois a cumplicidade preexistente e inerente à nossa atividade se acentuou. Novas atribuições foram sendo desenhadas e, juntas, tecemos a melhor maneira de nos ajudar nessa nova realidade.

O terceiro aspecto é a relação com os alunos. O contato caloroso, com abraços e muito afeto propiciado pelo mundo presencial, se perdeu em um ambiente virtual aparentemente inóspito e frio. Nesse cenário, iniciou-se uma busca diária pela manutenção do vínculo afetivo. Já a relação com as famílias alcançou uma intimidade jamais imaginada. A fusão entre casa e escola foi inevitável e possibilitou que alguns limites fossem ultrapassados. O contato que antes tínhamos com os pais se tornou muito mais frequente, a ponto de desenvolvermos uma cumplicidade e apoio mútuo. Por esse motivo, foi construída uma relação de muito carinho e confiança.

O quinto e último aspecto é a relação com a tecnologia, associada principalmente ao ensino à distância. Essa relação, que não era prioritária na escola antes do isolamento social, se tornou realidade em poucos meses e, em determinados aspectos, se mostrou tão eficiente que percebemos a importância de levar ao ensino presencial alguns hábitos do mundo virtual.

Em um momento tão incerto, essas novas relações propiciaram a continuidade das atividades escolares, que necessitam de um ambiente confortável e seguro para alunos e professores. “Essa estabilidade, em tanta incerteza, aconteceu porque os vínculos de confiança, que são premissas de qualquer espaço de aprendizagem, independente

da modalidade de ensino, estavam bem constituídos. É nesse espaço estabelecido pelas relações de confiança que a aprendizagem se torna possível”(1).

Um novo modo de viver, de ensinar e aprender floresceu. Para todos, a vivência foi muito além do âmbito escolar. “Uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”(2). Foi inevitável, o que era certo se tornou incerto e ainda assim aprendemos muito mais do que poderíamos supor.

---

(1) Barelli, Cristina Nogueira. *Formar professores e ensinar na incerteza: aprendizagens no período da pandemia*. <http://blog.singularidades.com.br/formar-professores-e-ensinar-na-incerteza-aprendizagens-no-periodo-da-pandemia/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

(2) Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz&terra, 2019. 143 p.

**DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO NO ANO DE 2020**  
**CARTAS ENDEREÇADAS: MARÇO A SETEMBRO DE 2020**

**Débora Aline de Sousa Costa**

**Nathalia Ferreira da Silva**

Graduação: Pedagogia

Ensino Fundamental I - 2º. Ano e 3º. Ano

Coordenadora: Patrícia Caselli

## **Introdução**

Desafios e experiências na Educação no ano de 2020

Quem diria que no ano de 2020 passaríamos por uma pandemia? Os impactos foram enormes em muitas áreas, não seria diferente na educação. O que estava por vir? Deparar-se com a aplicabilidade dos recursos da tecnologia seria o primeiro desafio a ser superado. Nos rendemos à tecnologia, ela era o único meio possível de ensino. Assim, surgiu o ensino remoto. Como enfrentar esse desconhecido? O que alcançaríamos?

Foram semanas planejando como faríamos para que as crianças conseguissem usar a plataforma adotada, o Microsoft Teams. Com isso, surgiram mais dúvidas: o que essa ferramenta nos proporcionará? Como manuseá-la? Calma, um dia de cada vez!

Os treinamentos chegaram e com eles fomos riscando essas dúvidas e criando expectativas. O Teams seria a ferramenta fundamental no nosso dia a dia. Como nos fazer presentes e construir o ensino remoto na educação básica, período em que a presença física e a convivência social são de suma importância? Algumas respostas só viriam com o passar dos dias. Caminhamos com descobertas, dúvidas, desesperos, mas seguindo juntos, superando cada desafio. Com ajustes e com maior familiaridade diante da ferramenta, cada professor foi descobrindo os melhores jeitos de lidar com a situação. Quantos desafios foram superados de março até esse momento? E a saudade? Onde chegamos até agora?

Diante desse cenário, foi importante enxergarmos que temos a capacidade de nos reinventar. Cabe fazer um reconhecimento geral a toda a equipe que conseguiu lidar com tantos conflitos internos e externos. Para falar mais detalhadamente sobre essas experiências, escolhemos fazer relatos em forma de carta, destinando-as a três públicos que assistimos de perto. São eles: pais e responsáveis, estudantes e estagiários. Por fim, focamos nesses três grupos, mas gostaríamos de agradecer a todo o corpo escolar por tornar a Educação no ano de 2020 possível.

Nosso intuito é registrar questões emergidas nesse caminho de construção, que revelam os desafios enfrentados conjuntamente e que permitiram a criação coletiva de respostas e novos aprendizados. Pensamos também que as cartas são uma maneira de documentação desse período histórico que vivemos e que ainda não podemos medir completamente o que representará, no futuro, para cada um de nós e para a Educação.

## **Carta um**

São Paulo, março a setembro de 2020

Aos pais,

Quantos desafios neste ano de 2020, não é? Como explicar a nova realidade a ser encarada para nossas crianças diante desta pandemia? Não só no aspecto grave relacionado à saúde, mas também a respeito das consequências que trariam para a vida delas a partir deste novo tempo cheio de transformações.

A pandemia trouxe impactos na rotina das famílias dentro de um contexto geral, mas quem diria que em 2020 a escola aconteceria dentro de suas próprias casas? Durante este período de quarentena, vocês tiveram que se adaptar a uma nova realidade e é possível imaginar quantos questionamentos surgiram. Vimos que muitos começaram transformando alguns espaços da casa em sala de aula, na tentativa de organização para que a rotina de seus filhos acontecesse dentro do mais “normal” possível. Junto a isso, a dúvida de que papel cumprir nos momentos de aulas online e lições, pois os adultos eram a referência para este momento de tantas mudanças e os principais auxiliares no manuseio não só das ferramentas (tablet, computador, celular etc.) mas das novas dinâmicas de interação e participação nos encontros. Como proceder diante desse cenário?

Apenas observar, questionar, deixar as crianças sozinhas na aula, acompanhar juntamente, intervir? Será possível aprender neste novo formato? Meu filho vai se adaptar a essa plataforma de ensino? Vou buscar recursos para aprender e para ajudá-lo? Qual o meu papel neste contexto do ensino remoto? O momento é propício a muitas dúvidas, pois quem não se sente inseguro com o desconhecido, ainda mais sem chances de ensaio? Não tínhamos nenhuma resposta, mas podíamos contar com a certeza da importância de caminharmos juntos, famílias e escola, para que a educação continuasse acontecendo.

Através da contribuição deste olhar atento ao que acontecia por trás de cada aula, vocês ajudaram seus filhos e também os professores, pois os olhos de vocês foram por vezes a substituição do olhar físico do professor. Isso porque, no virtual, muitas vezes, é difícil de alcançar as crianças. Com o passar do tempo, o Microsoft Teams passou a fazer parte do cotidiano de todos nós e pudemos, também através dele, oferecer e receber as ajudas necessárias, seja dos professores, da coordenação ou de toda a equipe da escola. Criar oportunidades e superar desafios foi o papel das famílias neste cenário. Além disso, a proximidade afetiva junto às crianças foi fundamental, na responsabilidade de transformá-la em ajuda e apoio educacional aos filhos, em um trabalho conjunto com os professores.

O período vivido exigiu tomadas de decisões rápidas, dentro de um cenário que se modifica constantemente. Um novo recomeço chegou e, com ele, dúvidas e angústias, o que fez parte do nosso contexto atual. Vocês foram fundamentais para que essa troca rica e única acontecesse entre as crianças e a escola.

**Carta dois**

São Paulo, março a setembro de 2020

Aos estudantes,

Parecia que num piscar de olhos tudo havia mudado, era até difícil de acreditar. Quem diria que a medida de segurança de mandar todos para a casa se estenderia tanto! No início, parecia que seriam no máximo 15 ou 20 dias. Mas essas pequenas hipóteses foram se afastando e quando nos demos conta tivemos que adotar uma nova forma de fazer a Educação que acreditamos. A partir disso, quantas dúvidas surgiram... Será que eu vou aprender? Como será brincar pela tela? Será que eu vou precisar fazer lição? O que é remoto? Será que vou conseguir?

Vocês precisaram abrir a porta de suas casas para que a escola entrasse. Nunca estivemos tão juntos e, ao mesmo tempo, tão longe. A tela do computador virou lousa e o nosso principal instrumento de trabalho. A presença dos amigos era vista e não mais sentida na pele. Como isso foi difícil, não é mesmo? A rotina parecia não existir, o lugar de brincar se misturou com o lugar de fazer lição e parecia que, em um momento, vocês assistiam às aulas e no seguinte estavam distraídos com a brincadeira que o irmão estava fazendo. Ufa! Muitas coisas aconteceram e vocês viveram inúmeros sentimentos. O ano de 2020 exigiu muita energia. Quem dera fosse para brincar e estar perto de quem a gente gosta, não é? Mas nos adaptar a uma nova realidade nos fez sentir muitas coisas e nos fez mudar também, e isso não é uma tarefa fácil.

Além disso, já pararam para pensar no quanto vocês aprenderam? Esse momento de pandemia nos tirou muita coisa, mas nos apresentou novos possíveis. Quem diria que Educação Física poderia acontecer de uma forma tão divertida dentro de casa? Quem imaginou que o acesso aos semanários ajudaria tanto na organização de vocês e que, a partir dele, sentimos que as coisas começaram a se encaixar? Os bichinhos de pelúcia e também os de estimação começaram a ser convidados especiais nos momentos de socialização com os amigos. No final, vocês deram seu melhor! Contaram com diferentes ajudas para enfrentar o momento, mas também ficaram muito mais independentes com o tempo. Ainda, desafiaram, ensinaram e ressignificaram o trabalho de todos os educadores. Quanta coisa, não é?

Levem com vocês a autonomia que construíram, pois ela certamente será muito importante em outras situações de suas vidas escolares. Foi fundamental para cada um de nós contar com vocês!

### **Carta três**

São Paulo, março a setembro de 2020

Aos estagiários,

O ano de 2020 nos surpreendeu e acima de tudo nos assustou. Em janeiro, discutíamos como era preocupante o número de casos e de mortes que o coronavírus estava causando no continente asiático. Nunca iríamos imaginar que aquele vírus nos alcançaria e faria tamanhas mudanças em nossa rotina e vida. As duas palavras-chave do ano, sem dúvida, são: ressignificar e adaptação. Depois disso, vieram as dúvidas: como seremos estagiários no ensino remoto? Como será que as crianças vão aprender e como poderemos ajudá-las? Será que teremos um papel? Será que vamos continuar na escola? A palavra “será” nunca fora tão utilizada, a cada dia o coração apertava com a possibilidade de notícias que chegariam a qualquer momento. Foi um momento bem difícil.

O momento de explorar uma nova plataforma para pensarmos o ensino remoto chegou e veio carregado de desafios. Como vamos conversar com as crianças? É possível criar um caderno online? Como elas vão entregar as lições? A partir desse momento, ficamos ansiosos para rever as crianças. Como seria? Será que daríamos conta? Essas dúvidas foram surgindo ao longo do tempo, mas conseguimos saná-las. Quantos desafios e aprendizados! Hoje podemos dizer que somos quase especialistas no Microsoft Teams, apesar de ainda surgirem dúvidas em alguns momentos. Com todos esses acontecimentos, as crianças precisaram organizar o espaço em que receberiam a escola dentro de suas casas e isso não foi diferente para os estagiários, não é mesmo? Será que a minha internet é boa o suficiente? Será que meu computador vai aguentar? Como vou encontrar um lugar silencioso para trabalhar? Onde vou trabalhar em casa? Muitas perguntas surgiram e diferentes mudanças foram necessárias.

Além dos desafios desse momento, muitas coisas boas aconteceram, como a nossa aproximação dos pais e dos professores. Essa troca foi fundamental e única, porque foi nesse momento que muitas pessoas conheceram a função do estagiário. Ademais, a troca com os professores foi fantástica, não acham? Aprendemos muito com a participação dos planejamentos pedagógicos, as dicas de como trabalhar com as crianças nas correções coletivas e também nas atividades propostas, as orientações sobre o manejo com os pais. Com todos esses aprendizados, surge a pergunta: qual profissional nos tornamos nesse momento? Podemos não saber, talvez, responder de imediato, porque responder a uma pergunta dessas não é fácil. É preciso olhar com cuidado para o exercício que fizemos até aqui. No fim, temos certeza de que fizemos o que estava ao seu alcance e ainda mais. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos professores que são tão importantes para cada um de nós nesse percurso de formação.

Por fim, não podemos deixar de falar sobre a saudade. Muitos de nós encerraremos nosso ciclo na Carandá Vivavida nesse ano e ficamos com aquela angústia: será que vamos conseguir encontrar as crianças pessoalmente antes de seguirmos outro caminho? Diante dessa questão, surgem muitas outras, inclusive a insegurança para o retorno presencial. Mas como é bom acompanhar um grupo de crianças, não é? Lembramos de nos emocionar, de ficarmos triste, chorar, chorar de rir... são tantos sentimentos. Estagiários, vocês fizeram um ótimo trabalho.

## **A REINVENÇÃO E O ENCONTRO**

**Pedro Oliveira Baptista**

Graduação: Psicologia

Ensino Fundamental I – 3º. Ano

Coordenadora: Patrícia Caselli

Para mim, o ano de 2020 começou da mesma maneira que o ano anterior: com um grande desafio. Naquele momento, o que se colocava à minha frente era como trabalhar com o 3º ano, crianças um pouco mais novas, que precisam de mais orientação, de mais atenção, de mais ajuda.

O que não esperávamos era o que estava para acontecer: essa grande pandemia que nos fez repensar a escola e nos colocou abruptamente no formato do ensino à distância. Precisávamos nos reinventar.

No fim de março e no começo de abril, me perguntava como conseguiríamos transferir os ideais da Carandá para o ambiente online. Me surpreendi (e não pela primeira vez) com o modo como todos se juntaram em torno dessa mesma discussão, com a parceria dos profissionais da escola para pensar em como fazer o ensino acontecer sem as práticas já conhecidas da sala de aula.

Neste ano, senti que eu e todos os estagiários ocupamos um novo espaço dentro da escola, pois estávamos tentando encontrar a melhor maneira de seguir em frente. Além desse desafio que estamos enfrentando coletivamente, encaro ainda mais um: a minha timidez.

Participar mais ativamente do planejamento das aulas fez com que eu me sentisse mais atuante no processo, mais ciente dos objetivos de cada atividade e das reflexões e aprendizagens que queremos proporcionar aos alunos. Tudo isso foi extremamente enriquecedor para a minha formação e me apresentou uma nova realidade de pensamento, que levarei para o resto da vida, mesmo que talvez não dentro de uma sala de aula.

Nas aulas online, tivemos que reinventar práticas que são marca da Carandá: o toque, a atenção, o olhar e a brincadeira. Nesse ambiente diferente (e do qual tenho mais domínio), consegui traduzir essa essência da escola, garantindo-a nos momentos de conversas com as crianças via chat, nas trocas de olhares via webcams (mesmo que essas trocas não fossem sempre muito precisas!) e nas risadas quando todo mundo tentava falar ao mesmo tempo.

Ao longo da minha trajetória pela Psicologia, vários caminhos apareceram. Uma profissão tão flexível como a do psicólogo abrange inúmeras áreas possíveis de atuação. O que eu não esperava era me apaixonar tanto pela Educação e pelo ensino. Foi por meio das minhas experiências na Carandá Vivavida que pude ter a certeza de que meu caminho é nas escolas, com professores e alunos.

No fim desse meu processo na Carandá, tenho muito a dizer nesse pequeno espaço. Faz-se necessário (senão obrigatório!) um profundo agradecimento e admiração por todas as pessoas que passaram por mim e que tanto me ajudaram a entender o quão complexa e importante é a arte de ensinar. Cada olhar trocado pelos corredores, cada pedido de ajuda, cada toque, cada conversa, cada risada. Nada disso será esquecido, porque será levado junto comigo para o resto de minha jornada.

Obrigado!

## MUITO MAIS DO QUE UMA MERA TROCA DE AMBIENTES, UMA TROCA DE GÊNERO DO DISCURSO

**Fernanda Gastaldi Leite**

Ensino Fundamental I - 3º. Ano

Coordenadora: Patricia Caselli

Levando em conta a Teoria Bakhtiniana dos Gêneros do Discurso, “(...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”(1). Ou seja, a existência humana em sociedade é permeada de gêneros do discurso que existem a partir de suas condições (contexto), de seus falantes (interlocutores) e de suas funções (como, no caso a ser analisado, a aula, que tem a função de ensinar/aprender). Partindo dessa linha de raciocínio e pensando no gênero do discurso “Aula” em tempos pré-pandemia, temos a seguinte caracterização do gênero:

✓ **Conteúdo Temático:** É estreito e bem delimitado. Gira em torno da Disciplina a ser lecionada. Por muitas vezes, o conteúdo temático transpassa assuntos acadêmicos e percorre interferências naturais dentro de uma sala de aula, como um pedido de silêncio ou atenção, a formação de grupos, etc. Uma conversa entre alunos, fora do contexto da aula, ou paralelamente, sobre determinado assunto, caracteriza-se como parte do gênero “aula”? Ou seria outro conteúdo, uma “conversa entre amigos” ou “conversa entre colegas de classe”?

✓ **Estilo:** O Estilo Individual dos interlocutores (alunos e professores) é regrado pelo perfil pessoal de cada um e também pela Instituição de Ensino regente. No caso da Carandá, uma comunicação mais afetuosa e mais pessoal é utilizada. Os alunos não chamam os professores de “professor” e sim pelo nome, gerando um ar intimista entre os envolvidos.

✓ **Estrutura Composicional:** De modo geral, o professor tem a maior parte dos turnos (de acordo com o Modelo de SSJ (1974) turno é aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra) e, em um cenário ideal, o professor cede o turno para os alunos (com perguntas ou pedidos). Ou seja, a troca de turnos é bastante regrada. Existe uma “ordem” que pretende ser cumprida. O aluno não pode simplesmente levantar e começar a explicar o conteúdo aos colegas. Se o fizesse, seria prontamente repreendido, pois os papéis sociais são delimitados e os interlocutores agem de acordo com esses papéis: o professor ensina, vez ou outra faz perguntas, os alunos respondem, também perguntam e, muitas vezes, vozes se sobressaem e os turnos conversacionais se iniciam ao mesmo tempo, gerando falhas na comunicação. Dependendo da aula e da Instituição, a dinâmica de troca de turnos pode sofrer algumas alterações. Escolas como a Carandá, por exemplo, permitem que o aluno tenha a palavra por mais vezes e seja o agente ativo em diversos momentos, principalmente nos de partilha com o grupo.

✓ **Domínio Discursivo:** os Tipos Textuais mais utilizados neste gênero são o Dissertativo, Expositivo, Imperativo e Narrativo, todos servindo de meio para a funcionalidade do gênero.

✓ **Suporte:** As ondas sonoras são o suporte (meio pela qual a comunicação ocorre) de uma aula, pois o professor fala, os alunos ouvem e respondem. É preciso que os interlocutores se mantenham próximos para que não ocorram interferências ou desentendimentos na comunicação.

Muitas das características citadas permanecem, ainda nesse contexto remoto. Porém, é através das mudanças que é possível identificar as transformações - sociais e linguísticas - que a pandemia da covid-19 proporcionou ao contexto escolar. Analisemos agora as mudanças que o gênero do discurso, aula, sofreu:

✓ Conteúdo Temático: além dos conteúdos utilizados nas aulas presenciais, foram acrescentados novos tópicos às conversas em “sala de aula”, como o funcionamento da plataforma Microsoft Teams, por exemplo, ou o uso da internet, do celular e do computador. Como utilizar essas plataformas? Como desativar o microfone e em que momento devemos fazê-lo? Como entrar em uma chamada? Como criar um arquivo? Como tirar foto da lição e enviá-la ao professor? Agora, além do conteúdo acadêmico, ensina-se também como estudar, como interagir e como utilizar as ferramentas disponíveis. Agora, falamos também sobre outras coisas.

✓ Estrutura Composicional: na troca de turnos, as falas se cruzam e causam desconforto auditivo. Diferente do que acontece presencialmente em sala de aula, quando várias pessoas falam ao mesmo tempo é praticamente impossível de se captar a mensagem e a comunicação se torna limitada. Para isso, foram criadas alternativas tais como pedir para falar, falar pelo chat da reunião ou usar a ferramenta de “levantar a mão”. Mas o curioso é que essas medidas nem sempre funcionam, pois a linguagem continua sendo, em sua essência, dinâmica e o gênero “aula”, apesar de ter certa ordem na troca de turnos, procura sempre uma fluidez e continuidade na conversa. Esse acordo de “sinalizar que quer falar (e esperar ser notado) em vez de entrar no turno do outro” faz parte da natureza linguística da conversação? Seria um outro tipo de organização dos turnos de fala?

✓ Suporte: Antes, o que eram apenas ondas sonoras agora transpassam por computadores, celulares e aparelhos sonoros. O suporte da aula remota é um aplicativo de comunicação, onde uma reunião é criada e os alunos e professores se conectam. Que mudanças esse suporte poderá trazer para a relação de comunicação?

O intuito desta breve análise foi demonstrar como os gêneros do discurso existem devido às necessidades comunicativas. Uma carta, um bilhete, uma ligação, uma audiência jurídica, uma aula... Todos esses gêneros existem para suprir nossas necessidades e, como somos seres mutáveis e sociais, essas necessidades variam, evoluem e se transformam, reféns ao contexto em que se inserem. Todos nós, coordenação, professores e alunos, fomos protagonistas dessa mudança histórica. Vivenciamos de perto o “abandono” emergencial de um gênero do discurso, de um “jeito de se ensinar”, de um “jeito de estar presente” e tivemos que aprender, em meio a preocupações e inseguranças, novas maneiras de estar na escola, de estar perto, mesmo estando longe. A Língua, sempre viva, foi nossa companheira nessa jornada.

---

(1) Bakhtin, M. *Os gêneros do discurso*. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.277-326.

**NAVEGANDO POR NOVAS MARÉS,  
EM BUSCA DE OUTROS JEITOS DE BRINCAR**

**Bruna N. Rugerio Silva**

Licenciatura em Arte-Teatro

Ensino Fundamental I - 3º. Ano

Coordenadora: Patrícia Caselli

Desta vez o sinal não tocou e imagino que após ler tantos registros neste livro, você já saiba o porquê. A pandemia veio como uma onda para nós que estávamos boiando na beira da praia. Fomos carregados sem aviso prévio e foi preciso aprender a nadar o mais rápido possível.

Para onde essa onda inesperada levou o tempo de brincadeira? Como construir uma escola sem o encontro? Os questionamentos foram muitos e nunca imaginávamos que, neste mar de incertezas, chegaríamos até outubro tão unidos!

Para as crianças, o brincar ficou submerso e o encontro cada vez fazia mais falta. Foi neste contexto, no final de abril, que brotou na cabeça de uma de nossas alunas a ideia de fazer um convite aos amigos de sua turma, o terceiro ano. Para isso, ela escreveu uma **“carta do amor da quarentena”**:

*“Oi pessoal, estou com muitas saudades de vocês e espero que todos fiquem bem. Eu quero muito reencontrar vocês. Estou muito triste e entediada sem vocês. Bom, já que não podemos nos encontrar, tive uma ideia para que a gente não fique em casa chorando como eu estou. Vamos combinar um dia de nos encontrarmos para uma reunião. Nela poderemos escolher o que fazer juntos. O que vocês acham? Um abraço e vários beijos online, Lina”*.

Esse convite foi um pontapé inicial para aquilo que depois passamos a chamar de **Hora do Recreio** e que aconteceu, desde então, de formas diferentes. No início, esse momento acontecia ao final de cada dia e as crianças que assim desejassem se encontravam para brincar e conversar. Começamos com um caça aos objetos, uma brincadeira de buscar em casa itens variados. Outro dia, jogamos stop online, que é bem diferente do que eu jogava quando criança, pois tem muitas categorias.

Num desses encontros as crianças me apresentaram o *Gartic*, um jogo online que funciona como o “Imagem e ação” e consiste em adivinhar qual é o desenho que o outro jogador está fazendo. Confesso que foi penoso desenhar usando o mouse do computador e que as crianças riam bastante quando chegava a minha vez. Assim, fui descobrindo o quanto posso aprender com elas!

Com o passar dos meses e com o volume de aulas aumentando cada dia mais, decidimos que seria melhor ter um dia fixo na semana para esse encontro. Quarta-feira, passou a ser, então, o dia oficial da Hora do Recreio. Com o tempo, percebemos que este seria um espaço no qual as crianças poderiam se colocar, trazendo propostas diversas para que o encontro tivesse cada vez mais a cara do grupo. Em diálogos com a aluna que criou o projeto, decidimos que a cada semana uma criança diferente proporia uma atividade.

Passamos a organizar os encontros com alguma antecedência e fazer cartazes divertidos e coloridos para divulgação, que contavam como seria a proposta e se era preciso separar algum material. Navegamos pelas pinturas e desenhos que a Rafa propôs, construímos um bilboquê com a Alice, aprendemos com o Miguel a construir jogos virtuais em uma plataforma chamada Scratch, devoramos um lanche coletivo maluco com a Valen, fomos para cozinha e aprendemos a cozinhar Scones com a Lina e aconteceu até uma festa do pijama organizada pela Rafa, que durou até de noite. Neste dia em especial, em um movimento espontâneo, compartilhamos fotos nossas quando pequenos. Foi um momento em que algumas crianças se reconheceram, pois estudam juntas desde a educação infantil, e pudemos ouvir as histórias e as viagens que vieram acompanhada das fotografias.

A Hora do Recreio também foi um canal que eu e a professora do grupo encontramos para dialogar com outros projetos do terceiro ano, como a conferência, na qual cada criança escolhe um tema que gostaria de pesquisar e apresentar para o grupo. Quando soubemos que o tema de uma aluna seria Slime, a convidamos para apresentar seu trabalho na Hora do Recreio e fizemos juntos uma grande meleca grudenta e divertida, depois de ela contar um pouco sobre a história e os tipos infinitos de Slime que existem.

A princípio, eu olhava para a Hora do Recreio como um momento para desenvolver meu projeto e propor atividades junto às crianças, mas com o passar do tempo, entendi que meu lugar nestes encontros é de ser observadora ativa, aprendendo através do olhar atento e estando ali para brincar, conhecer ainda mais as crianças do grupo e intervir o mínimo possível. Aliás, este tem sido um desafio, afinal, nem sempre as propostas contemplam a todos. Vejo as crianças aprendendo a lidar na prática com os desejos em conflito, com a vontade de falar, mas precisando escutar e exercitando o difícil lugar de abrir mão. Aprendizados que têm se dado na prática, através do brincar.

Tenho que confessar: nunca imaginei que o ensino remoto pudesse promover essas trocas profundas, de conhecer o outro e se aproximar dos hábitos, da rotina familiar e das preferências de brincadeira. Fui surpreendida pela experiência prática ainda em curso e por perceber que mesmo através das telas, estamos navegando e avistando momentos de leveza.

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL –  
ADAPTANDO-SE EM MEIO ÀS MUDANÇAS**

**Milena Menezes**

Graduação: Pedagogia

Ensino fundamental I - 4º . Ano

Coordenadora: Cleusa Watanabe

Diversas professoras e professores do Brasil inteiro estão batalhando para se adaptarem a uma nova rotina: o ensino remoto emergencial. Em pouco tempo, vimos o nosso querido cotidiano se desarvorar como faíscas no céu e rapidamente tivemos que nos adaptar ao novo jeito de ensinar. Em poucos dias, o que era um surto de gripe na China atingiu o mundo todo. Uma pandemia com sequelas inimagináveis.

É compreensível que, diante de uma pandemia, as pessoas fiquem um pouco perdidas, desorientadas e, assim como eu, assustadas. É natural do ser humano não gostar de imprevistos, buscar pela zona de conforto, pelo previsível, o estável. Mas, como diria Darwin, "As espécies que sobrevivem não são as espécies mais fortes, nem as mais inteligentes, e sim aquelas que se adaptam melhor às mudanças" (Origem das Espécies, 1859).

E aqui estamos todos nós nos adaptando constantemente as mudanças. Criando e recriando formas e formas de ensinar. Este é um desafio imenso, um trabalho intenso, mas é a única opção no momento.

Contudo, vemos a oportunidade de criar, experimentar, inovar e se reinventar. Nunca a tecnologia foi tão intensa e tão importante para nosso ensino-aprendizagem, nunca os vínculos com os alunos, a coordenação, os professores especialistas e polivalentes, foram tão precisos e necessários, além das novas práticas, para restabelecer e reforçar a afinidade. É um momento novo e todos nós estamos aprendendo e ensinando juntos. A parceria nunca foi tão forte como é agora e creio que permanecerá, mesmo que tudo volte como antes, ou melhor, volte ao presencial, porque como antes não voltaremos.

Nesse contexto, tenho vivido momentos interessantes como estagiária do 4º ano da manhã. A professora que acompanho, Ana Luiza Friedman, tem sido essencial para o meu processo de aprendizagem como futura professora. Em um momento como esse, em que fomos pegos de surpresa, e tivemos que nos estruturar e recriar como ensinar os conteúdos às crianças, pude observar e tomar como exemplo muitas atitudes vindas da Ana. E valorizei ainda mais a nossa profissão.

Compreendo assim o quão significativo se torna o reinventar, afinal, ser professor é constantemente se descobrir e redescobrir novas possibilidades. Em nossas vidas, esse ano o “re” marcará nossa trajetória: (re)construir, (re)iniciar, (re)programar, para que assim possamos (re)significar as nossas lutas, nossa caminhada, nosso pensar.

*“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: “Veja!” e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente... E ficando mais rico interiormente ele pode sentir mais alegria – que é a razão pela qual vivemos.”*

*Rubem Alves*

## DA OBSERVAÇÃO DOS CONTEXTOS

Aline Vieira Pinto Belintani

Graduação: Pedagogia

Ensino fundamental I - 4º. Ano

Coordenadora: Cleusa Watanabe

No começo de março, pedi para as crianças que se desenhasssem, feito um autorretrato. Este era o início da construção do projeto. Minha intenção era de usar o suporte da arte como forma de autoconhecimento e auto-observação, especialmente a dança e o teatro. Claro que não seria eu quem diria que são eles e elas, mas só de direcionar o olhar para si, algo é enxergado. Este era o ponto. Seriam necessários espaços para o movimento, contato consigo e com os outros, músicas e envolvimento. Não é nenhuma reviravolta saber que não foi possível realizar esse projeto. Em abril, estruturei todo o projeto, com plano de aula, suporte técnico e materiais. Em maio, nada mais disso existia. Algo em mim dizia “Pode esquecer, até agosto, nada mudará”.

Em agosto, muito mudou, embora não exatamente o que desejávamos. Para mim, estar em casa é confortável, por ser algo que estava habituada. Entretanto, entendo que alguns de nós passou tanto tempo na rua, naquela rotina agitada, que estar em casa foi uma verdadeira transformação de paradigma. Simultaneamente, falta espaço, falta gente, falta natureza. Aos poucos, foram chegando o ensino remoto, os encontros síncronos, o *chat*, o Tarefas, o *OneNote*. Todo um vocabulário novo. Não é mais “aula”, é “encontro”. Realmente, sentar-se na frente da *black mirror* [espelho preto] é dar aula?

Chuva de perguntas, inseguranças, reuniões repletas de “mas o que vai acontecer?”. Ninguém sabe. Já é setembro e ninguém sabe de mais nada. Cada um se agarra no que pode. Família, cozinha, arte, construção, rede social, vídeo-chamada. Essas são as âncoras para podermos nos organizar e fazer do isolamento o mais suportável possível. Caso alguém esteja interessado em saber, uma das minhas âncoras foi o Yoga. Dele, algo floriu, que é, no mínimo, um reflexo da realidade.

A construção da Invertida Sobre a Cabeça, uma “pose” do Yoga - se chama *Ássana*, na realidade, o que é bem diferente de pose – cujo praticante se apoia com braços e cabeça para ficar de cabeça para baixo, consiste num processo. Não basta formar o triângulo com os antebraços, pegar impulso com as pernas e *voilà*, está invertida. Primeiro, é preciso criar a confiança de que do chão não passa. Como? Caindo. Sobe, cai, sobe, cai. Depois, vem o fortalecimento do corpo - braços, pernas, pescoço e abdômen - para poder efetivamente subir sem sobrecarregar a cabeça. Mas ainda vai faltar um ponto crucial, o equilíbrio. Uma vez subida, é preciso manter a sua invertida. Só então será possível aperfeiçoar, transitar em diferentes posições e a tornar numa “pose” de se admirar. Todo esse processo leva tempo, paciência e, principalmente, observação. Observar para acompanhar seu caminhar e saber por onde a atenção tem que transitar.

O ensino remoto tem sido um processo bem similar à construção da invertida. É preciso confiar em si, fortalecer-se, equilibrar-se e aperfeiçoar-se com paciência e demasiada observação. Cá estamos nós novamente na observação. Não importa onde ou a situação que estamos, a auto-observação logo volta. Acredite ou não, ela pode ter muitas formas e ser praticada de diversas maneiras. Por exemplo, lavando louça! É possível lavar um prato refletindo piamente qual decisão seria a mais sensata a se tomar naquela ou nesta questão, ou então, concentrando-se o quanto a água pode ser refrescante no calor e congelante no frio. É fácil tirar essa conclusão, mas já se concentraram na experiência disso?

Eis que, trabalhando como auxiliar de “classe” – que de classe não tem nenhuma, poderia ser auxiliar técnica atualmente –, foi possível observar certos pontos: 1. alguns essenciais no exercício do educar que não se desfazem conforme o ambiente instaurado; 2. alguns suscetíveis às condições que se perdem mesmo e não tem o que fazer e, 3. alguns adaptáveis, que pode ser que perca qualidade, mas ainda praticáveis, que o meio remoto nos apresentou.

Imagino que seja muito claro para todas nós – no feminino, porque a maioria da classe docente é feminina no Brasil – aquilo que não mudou, como o currículo estrutural do ensino, e aquilo que mudou, como a falta de contato com os alunos. Por este motivo, gostaria de falar sobre o terceiro ponto. Certo dia, precisei chamar uma criança para rever uma lição. Foi muito rápido e fácil, nem eu esperava. Dada a oportunidade, a criança pegou o computador e me mostrou um cachorrinho, que alegremente esperava, no sol, sua companhia acabar a lição para poderem brincar. Ela me disse que tinha várias histórias do cachorro e gostaria de me contar. Foi assim, fluído, que passamos cerca de 20 minutos falando das aventuras de Charlie – nome fictício que dei aqui ao cachorro. Cada palavra carregava sentimentos muito vivos. Não tive coragem de parar, foi ela que finalizou o assunto porque precisava brincar com o Charlie.

Foi um dia que eu a conheci e ela me conheceu muito melhor. Pergunto-me, agora, se na agitação e no contexto da escola, eu poderia ter tido a mesma conversa com a mesma criança da mesma forma. Sinceramente, acho que não. Por isso, sou grata muitas vezes pela observação.

Não é novidade, nem segredo para ninguém o quanto a pandemia do novo Coronavírus afetou todas as instâncias de nossas vidas. Fomos tirados dos nossos lugares de convívio social como num passe de mágica - sem poder refutar, resistir ou fugir. Foi lá em março, que fomos atravessados por essa quarentena enigmática e incerta - quantos dias ficaremos em casa? A escola vai parar? Como se dará a aprendizagem das crianças nessa situação inédita?

Logo no comecinho de tudo, lá em abril, após a escola adotar as aulas síncronas, um desafio foi proposto às crianças: juntar os conhecimentos adquiridos por meio de pesquisas em livros (ainda na escola), aulas expositivas e investigações em vídeos, na área de Ciências Naturais. O desafio? Montar uma maquete representando as camadas que constituem a estrutura da Terra. Saber dizer quais eram as camadas, qual vinha primeiro e quais suas características foi fácil. Difícil foi pensar nos materiais e no modo de montar sozinhos. Em casa. Não no espaço físico da escola.

O professor espanhol Jorge Larrosa Bondía nos afirma que “*o sujeito de experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade*”<sup>(1)</sup>. Tendo isso em mente podemos concordar que o ensino remoto nos fez (assim como com os alunos) *sujeitos de experiência*.

Pois bem, a situação foi dada e o resultado surpreendeu a todos que estavam envolvidos: nós, estagiárias; as professoras e até os próprios autores, os alunos. Quando lemos o trecho mencionado do Larrosa e nos deparamos com a palavra **passividade**, precisamos entender que essa palavra carrega um significado de “*uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção*”<sup>(1)</sup>. E foi essa *passividade* que vimos nos nossos alunos ao apresentarem suas representações da Terra. O entusiasmo, o cuidado e o empenho foram estimulantes para nós, apreciadoras de seus projetos. Dizemos isso, pois, como uma primeira experiência do ensino remoto, vimos a subjetividade e a potência imaginativa de cada um: teve aluno que montou sua representação com gelatinas coloridas, roupas coloridas dentro do cesto de roupa suja, massinha, lego, isopor e até com uma maçã!

Esse trabalho nos levou a refletir o quanto as crianças estavam envolvidas nas aulas, mesmo que remotamente e com todas as dificuldades embutidas. O orgulho ao mostrar a maquete para a turma e contar quais eram as camadas, suas diferenças e quais foram os materiais utilizados, evidenciou que a aprendizagem se deu em cada um, com suas especificidades.

Larrosa afirma que “*é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma*”<sup>(1)</sup>, possibilitando surpresas e aprendizados, assim como vimos acontecer nesse trabalho, na forma com que as crianças se reinventaram, deixando ainda mais latente as suas potencialidades.

---

<sup>(1)</sup> Bondía, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

## **À espera**

*“O amador entra por todas as janelas abertas.*

*Ele bate, bate, bate.”*

*(In: “Triptico”, Herberto Helder)*

Talvez eu comece esse poema abrindo uma palavra:

Janela.

No alpendre dessa “palavra” Adélia escreveu:

“linda”.

Ou quem sabe poderia começar com essa outra palavra

“ventana”

ou ainda com mais essa

“fenestra”,

mas penso que ambas já não são mais tão usadas,

diferente das janelas, portas do nosso tempo,

objetos de espera.

Manoel de Barros diz que faz bem uma janela aberta.

É isso o que eu tenho partilhado com os alunos:

“Vamos, crianças, abram as janelas”.

Quando abrem parece que estamos todos ocupando

as janelas de um mesmo prédio.

Às vezes um prédio torto  
com algumas cabeças viradas para o lado,  
mas ainda assim um prédio,  
do qual quanto mais se vê o formato e as bases,  
mais parece que estamos perto.

Mario Quintana diz que quem faz um poema abre uma janela.

É isso o que eu tenho partilhado comigo.

Então, é assim que começa o meu:

[Título]

Atrás da janela da professora há uma outra janela aberta.

O nosso céu laranja também é laranja nas outras janelas,

como se estivéssemos todos na mesma sala

e a distância fosse só uma palavra ao longe

que acaba

quando começa a aula

[...]

## **O PODER DA EDUCAÇÃO E A ARTE DE SE REINVENTAR**

**Beatriz da Silva Sales**

Graduação: Letras – Português e Espanhol

Ensino Fundamental I – 5º. Ano

Nome do coordenadora: Cleusa Watanabe

Não teria outra forma de começar este relato de experiência, senão no começo de 2020, com a pandemia do Covid-19. Fato é que não cogitávamos que um dia passaríamos por tal acontecimento e, diante disso, é evidente que o mundo não estava preparado para lidar com as consequências impactantes que uma doença infecciosa poderia nos trazer: alto índice de contágio, isolamento social, distanciamento.

Inúmeros setores foram afetados e tiveram muita dificuldade para se adaptar e encontrar formas para superar tamanha circunstância. Com a área da educação não foi diferente, portões foram fechados e os alunos se viram distantes da escola. O ensino remoto emergencial teve seu alcance e nos levou a uma nova realidade. A tecnologia virou uma ferramenta pedagógica e vem sendo protagonista na forma de estudantes e professores viverem as situações de ensino e aprendizagem.

Com isso, começo o meu relato de experiência, mas trago, em minha fala, a minha trajetória na Carandá Vivavida, afinal, este é meu segundo ano como estagiária na escola e também meu segundo ano acompanhando o mesmo grupo, o que para mim foi e tem sido uma vivência incrível...

Em 2019, desfrutei de uma experiência enriquecedora, tive o prazer de trabalhar com uma professora fantástica, detentora de um conhecimento e didática admiráveis (a Luli) e com um grupo maravilhoso (4ºano); aprendi e ensinei, foi um ano que trouxe inúmeras contribuições para a minha formação. Eu havia trabalhado em uma escola antes, mas foi na Carandá Vivavida que tive o primeiro contato com mães e pais dos alunos e alunas, acompanhei diretamente as aulas da professora polivalente e as aulas das professoras especialistas (Inglês, Criação e Expressão, Música, Artes Visuais e Educação Física), estabeleci vínculo, respeito e carinho na relação com as crianças, além de ajudá-las sempre que necessário, seja nas lições e atividades ou na solução e intervenção de conflitos. Foi a partir dessa vivência que tive a certeza do caminho que quero trilhar na educação, a vontade de ser professora se firmou em mim de forma avassaladora.

No começo de 2020, tive duas grandes e felizes surpresas, soube que ficaria novamente com a mesma turma, agora 5º ano, mas confesso que fiquei receosa em pensar como as crianças reagiriam a isso. Sempre soube do grande carinho deles por mim, constantemente, demonstravam afeto através de gestos e palavras. Contudo, o meu receio era que quisessem ter uma vivência com outra estagiária. Logo no primeiro dia de aula, ao me verem na sala para recepcioná-los, percebi que minha apreensão tinha sido totalmente desnecessária. Todos expressaram felicidade ao saberem que eu ficaria com eles. E isso consolidou ainda mais minha relação com eles, o vínculo se tornou mais forte, sólido e sinto que são mais próximos, que confiam em mim.

A segunda surpresa foi saber que trabalharia com uma professora que admiro muito, que ama o que faz e demonstra tamanho amor pela profissão em tudo que faz, uma grande inspiração (Sandra), a parceria foi prontamente construída entre nós. No entanto, com um mês e meio de aula, fomos surpreendidos por um vírus que se propagou pelo mundo todo, fomos afastados da escola de forma drástica e imediata.

Nosso trabalho foi totalmente modificado e, de um dia para outro, vimos nossa rotina ser completamente transformada. Tivemos que nos reinventar, nos unir, para que a doença não afetasse ainda mais nossas vidas, para que a escola não ficasse ainda mais distante das crianças e, assim, continuássemos ensinando aos alunos.

Nossas ferramentas de ensino deixaram de ser o canetão, o quadro branco, os cadernos... e a tecnologia tem sido nossa grande aliada e essencial nesse processo de ensino e aprendizagem. Nós nos adaptamos de forma rápida, intensa, trabalhando exaustivamente para levar às crianças uma nova forma de ensino, mas com a mesma qualidade e importância de sempre.

Termino meu relato contando como foi passar esses dois anos com o mesmo grupo, sinto-me privilegiada por ter acompanhado um pouco da trajetória escolar deles, é lindo ver como mudaram, a evolução, o amadurecimento e o crescimento. Percebo isso em cada fala deles, nas lições, nos trabalhos, nos projetos e também no dia a dia, seja presencial ou virtualmente, são curiosos e interessados, procuram sempre aprender coisas novas e usufruem dos conhecimentos adquiridos ensinando ao próximo também.

## NOSSA PLANTAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Gabriela J. Sawaya Oliveira

Graduação: Psicologia

Ensino Fundamental I – 5º. Ano

Coordenadora: Cleusa Watanabe

*“Eu ia te aconselhar a não resistir à ordem das estações, porque dentro de cada uma as outras também estão operando.”*

*João Carrascoza em Caderno de um ausente, 2014.*

Começo minha reflexão pensando nos dizeres de João Carrascoza. Penso que as estações, esse ano, funcionaram em uma lógica diferente e, como resultado, a nossa plantação/colheita também funcionou. A primeira estação de 2020 se iniciou presencialmente, cheguei, como se diz, “aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo”, uma semana antes de começarem as aulas. Na chegada, conheci o território, o espaço que dá vida à escola. Conheci as outras estagiárias, a professora parceira, as coordenadoras e as outras pessoas que trabalham na Carandá Vivavida e fui, aos poucos, tecendo com todas elas o nosso dia a dia, a nossa trajetória. Por fim, chegaram os alunos e alunas, maiores do que eu havia imaginado. A partir deles me enxerguei de novo no Fundamental 1 e, através do falado e do não falado, fomos plantando juntos sementes para a nossa estação, cada um enriquecendo o solo do seu jeito, modelando com a sua mão. Os dias foram passando e, com eles, os brotos foram crescendo, a partir do solo já enriquecido e nutrido.

No final de março, tudo foi modificado, uma pandemia batia à nossa porta. Por conta disso, a segunda estação foi dois meses antecipada, não aconteceria mais como de costume, em maio, com o início do segundo trimestre. O momento era tenso e pedia o distanciamento social para garantir a saúde de todos. A escola foi obrigada a se reinventar e a pensar em meios alternativos para sua existência. O ensino remoto através da tecnologia foi, então, posto em prática. Começamos a cuidar da nossa plantação virtualmente. A tela não proporciona a presença total, mas nos concede um gole, um bocadinho de presença. Nos agarramos ao pouco que tínhamos da experiência de estar juntos e seguimos fortalecendo a terra, molhando as raízes e proporcionando luz para o crescimento da nossa plantação.

Essa segunda estação foi muito intensa. Nela, tivemos que nos lançar a desbravar um mundo que, por mais que fosse presente, era pouco conhecido: o mundo da tecnologia. As crianças e os adultos aprenderam com erros e acertos a utilizar o novo meio de comunicação e de ensino. A partir dessa aprendizagem penso que, como nos aconselha João Carrascoza, conseguimos não resistir à ordem das coisas, seguimos as recomendações e as estratégias de cuidado necessárias, sem deixar para trás todo conhecimento construído nas estações que operaram em nosso passado.

A terceira estação foi trilhada depois das férias, as mãos já estavam com menos calos, mais hidratadas e fortes para o próximo adubamento da terra. Além disso, a experiência da segunda estação proporcionou um melhor entendimento da terceira, a partir do passado conseguimos compreender e organizar melhor o nosso presente. Desse modo, a rotina foi desenhada de maneira a proporcionar a construção conjunta do conhecimento. Aos poucos, além das aulas, foram criados outros momentos para proporcionar a aprendizagem.

A proposta do Trabalho Diversificado é um exemplo disso. Nele, os alunos e alunas foram convidados a realizar projetos em grupo, delineando um tema de seu interesse, pesquisando-o a fundo e apresentando os frutos aos colegas. As produções foram diversas e calçadas em assuntos complexos, como feminismo, escravidão e até

buracos negros. O trabalho em grupo não é fácil, mas a partir dele as crianças aprenderam a ouvir, aceitar ideias diferentes e abrir mão das suas. Penso que, ao auxiliá-los nessa tarefa, além dos inúmeros novos conhecimentos sobre cada tema, aprendi muito sobre a escuta; escuta essa sobre os interesses dos alunos, o momento de deixá-los frente a frente com sua autonomia e o que pedia intervenção. A escuta é uma oferta, escutar é diferente de simplesmente ouvir.

Enxergo que a nossa plantação, no atual momento, está gerando frutos diferentes dos que antes, na primeira estação, planejávamos estar colhendo. Cada estação possibilita um aprendizado e uma colheita dentro das possibilidades de um contexto específico. Vimos frutos que não cresceriam se o contexto fosse outro. Os exemplos são diversos, como a felicidade no rosto das crianças que fazem aniversário nas férias de julho e que, finalmente, comemoraram contando com a presença de toda sua turma, “na escola”.

Finalizo minha reflexão com mais uma frase de João Carrascoza. Acredito que nesse ano, mais do que em outros, aprendemos a valorizar as miudezas e os momentos.

*“E enquanto estivermos, eu quero, humildemente, te ensinar umas artes que aprendi, colher a miudeza de cada instante, como se colhe o arroz nos campos, cozinhá-la em fogo brando e, depois, fazer com ela um banquete.”*

*João Carrascoza em Caderno de um ausente, 2014.*

**CARA PROFESSORA**  
**Luciana T. de Freitas Ranieri**  
Graduação: Pedagogia  
Ensino Fundamental I – 5º. Ano  
Nome do coordenadora: Cleusa Watanabe

**Cara professora,**

*“Os deuses criam-nos muitas surpresas: o esperado não se cumpre e ao inesperado um deus abre o caminho.”*

*Eurípedes*

O ano começou assim, de repente, sem aviso nem preparação. Quando dei por mim, estava como estagiária da sua turma de 5º ano. A ansiedade de me aproximar dos alunos se misturava ao medo de não estabelecer contato e criar vínculo. As dúvidas a esse respeito eram muitas e só aumentavam à medida que tinha mais informações.

Soube, então, que teríamos na turma dois alunos em situação de inclusão. Frio na barriga, será que estaria preparada para este desafio?! Sem dúvida, importante para a formação, no entanto, abriam-se mais janelas para incertezas e inseguranças.

As crianças, curiosas, queriam reencontrar os amigos e torciam para estar na mesma sala. Essa agitação era contagiante e nossas emoções se misturavam. Cada um de nós, por diferentes razões, estava conectado pela mesma euforia no olhar.

Logo, pude conhecer os alunos que seriam acompanhados mais individualmente, em função das dificuldades que apresentavam em compreender e se expressar dentro do universo simbólico escolar. A comunicação verbal seria uma grande barreira para nossa aproximação, desafiando nossos sentidos, pois, como afirma Wittgenstein, citado por Rubem Alves no livro *Conversas com quem gosta de ensinar*, “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”.

O saber perpassa pelo corpo, transcende a consciência. Refleti isso observando uma de suas primeiras interações com um aluno que trazia grandes desafios. Como numa dança, vocês transitaram pelo território/sala, ambos se testaram e sentiram os limites do espaço simbólico e do outro. Presente naquele momento, na ânsia de absorver todo conhecimento que aquela experiência exalava, eu não entrava em contato com meus pensamentos, apenas sentia. Talvez por isso, percebi o momento de entrar com uma leitura, “As viagens de Gulliver”. Exausto, ele caiu no sono. Estranhamente aconchegado em seu próprio braço, pois se recusava a aceitar qualquer almofada que pudesse tornar essa soneca mais confortável aos nossos olhos.

Ao acordar, vi que já reagia à tua presença de outra forma, havia, de algum modo, compreendido a relação professora-aluno sem que nenhuma palavra sobre isso tenha sido dita e, por alguns instantes, foi como se tivesse incorporado a ordem simbólica estruturante do ambiente escolar. Entretanto, essa relação teve vários episódios marcantes e de rememoração dessa conquista de espaço por tua parte.

As minhas leituras com ele se repetiram por mais algumas tardes. Uma delas ficou impressa não só em minha memória, mas no meu corpo, me servindo de refúgio em muitos momentos difíceis que viriam a acontecer.

Estávamos em um dos ateliês da escola quando comecei a ler um livro sobre dinossauros e ele, como de costume, adormeceu, sem aceitar as almofadas. Desta vez, fez meu braço de abrigo, ajeitando-se da maneira mais confortável que a situação permitia. Fiquei ali sentada ao seu lado e em companhia de Matisse e Renoir, ouvindo o

eco das conversas que vinham das salas vizinhas, que, de quando em quando, aumentava ao fechar e abrir de portas, fazendo com que me lembrasse que estávamos na escola.

E, mais uma vez, fomos surpreendidos pelo destino. Embora estivéssemos acompanhando as notícias do que estava ocorrendo em outros países, alimentávamos uma esperança adolescente de que nada nos aconteceria. Assim que os primeiros casos de COVID-19 foram notificados em São Paulo, as aulas começaram a ser suspensas.

De uma hora para outra, a presença física foi substituída por telas, o olhar por câmeras e a fala mediada por microfones que teimavam em se manter ligados apesar de ninguém estar se ouvindo. Tempos difíceis essas vivências iniciais.

Os meses foram passando, de uma incerteza da aproximação à constatação da troca por meio de mensagens carinhosas no chat. Na busca por vínculos no trabalho em construção com o grupo, um pedido para fazer lição juntos, virtualmente, numa tarde inesperada, denota a importância do lugar que ocupo.

Temos, ainda, uma parte muito importante que está por vir, o retorno presencial ao ambiente escolar. Assim, lembro das palavras de Edgar Morin no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*(1): “[...] o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas”. O que nos conforta é que, de alguma forma, nos sentimos mais conectados por termos atravessado juntos um período incerto para todos nós.

Cordialmente,

Luciana

---

(1) Morin, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.

## O OLHAR INDIVIDUALIZADO DO APOIO ESCOLAR

**Leila Ribeiro Freire**

**Milena C. Ferreira Varizano**

Graduação: Letras

Ensino Fundamental I – 3ºs., 4ºs. e 5ºs. Anos.

Coordenadoras: Cleusa Watanabe,

Luiza Siqueira e Patrícia Caselli

*“Nosso conhecimento não era de estudar em livros.  
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. (...)”*

*Manoel de Barros*

A equipe de Apoio Escolar da Carandá Vivavida, atualmente composta por duas estagiárias e uma assistente de práticas inclusivas, acompanha alunos (as) que enfrentam barreiras na escolarização. O EAE (estagiário de apoio escolar) é um terceiro adulto em sala de aula, que tem um olhar específico aos alunos e ao grupo que acompanha. Assim, trabalha junto ao professor e ao estagiário da turma para criar e potencializar possibilidades de aprendizado e participação. Em 2020, todos os educadores foram convocados a descobrir novas formas de estar junto, aprender e ensinar. Não foi diferente para o Apoio Escolar, que precisou se reinventar para encontrar formas de manter a potência do olhar individualizado durante o ensino remoto emergencial. Para isso, foram essenciais o diálogo e o contato próximo com os alunos.

Para aqueles que precisam de um acompanhamento mais próximo, EAes e professoras se alternam ao longo da semana, fazendo encontros individuais para trabalhar objetivos específicos e também para antecipar atividades ou temas que serão trabalhados com o grupo, de modo a potencializar a participação desses alunos nos momentos coletivos. A partir desses encontros, confirmamos que dar espaço para a criança, respeitando suas singularidades e evidenciando suas conquistas, favorece que, de forma natural, a timidez, o silêncio e o desinteresse deem lugar à fala, às ideias e ao engajamento. Os encontros começam a ser desejados pelo aluno, que renova seu vínculo com a escola e conosco e ganha mais fôlego para avançar e enfrentar suas dificuldades.

Estar dentro da casa dos alunos fez com que vivenciássemos de perto o seu dia a dia. A presença e parceria das famílias mostrou-se indispensável, pois são mediadoras das propostas da escola e fazem, em nosso lugar, a garantia da presença física, dos toques, dos convites, do direcionamento do olhar, tão fundamentais para alguns alunos. Por outro lado, foi preciso cuidar dos terrenos de atuação da escola e da família e das eventuais interferências diretas em nosso trabalho, de modo a não perder o foco na aprendizagem e no investimento na autonomia da criança.

Em meio a esse desafio, encontramos caminhos. Nosso olhar atento que foca nos detalhes continua sendo um trunfo para o nosso trabalho no ensino remoto, mesmo em salas virtuais com número reduzido de alunos. Presencialmente, uma estratégia comum é que o EAE fique mais próximo da criança que precisa de ajuda adicional em relação ao grupo. Virtualmente, o olhar focado na criança durante os encontros em grupo, subgrupo e individuais possibilitou que observássemos seu raciocínio, seus maiores desafios e os melhores caminhos para intervir de modo a provocar avanços. Depois de muitas observações, afinamos nosso olhar: um aluno se implica mais quando é lembrado de seus pequenos avanços ao fim de uma aula, outro se tranquiliza quando reafirmamos a importância dos erros para a aprendizagem. Alguns precisam de mais objetividade, outros são enlaçados pela ludicidade e por contextos fantásticos.

Ressignificamos as perdas e as novas possibilidades do espaço de ensino-aprendizagem, abrimos lugar para a investigação, testamos e fizemos descobertas sobre cada um dos nossos alunos que nos guiaram para sistematizar um plano de ação. À luz desse novo contexto, foi preciso rever os objetivos e, acima de tudo, *planejar* e replanejar as estratégias. Para isso, realizamos reuniões periódicas frequentes entre equipe de Apoio, professoras e coordenação, nas quais, tendo sempre o planejamento da turma como base, selecionamos os principais focos e estratégias de trabalho para cada aluno. Revisitar esse planejamento constantemente, a partir das respostas dos alunos, da nossa observação e avaliação e da troca com as famílias e terapeutas foi fundamental para realinhar e fortalecer caminhos e propostas.

Madalena Freire<sup>(1)</sup> diz que o planejamento é um processo ininterrupto, processual, organizador da conquista prazerosa dos nossos desejos. Em nosso trabalho, estamos constantemente em um processo de organização, desconstruindo e reconstruindo significados. O planejamento elucida os caminhos, tendo em vista que o trabalho com crianças que necessitam de práticas inclusivas já é pautado pela inventividade e olhar individualizado. Vibramos a cada conquista, a cada passo dado, estamos atentos aos detalhes e aos pequenos avanços. *O olhar* é fundamental nesse processo, bem como a *criatividade* e o *improviso*.

É importante destacar o caráter singular da experiência com cada um dos alunos, mesmo aqueles que não estão em situação de inclusão. “*O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.*”<sup>(2)</sup> É por esse motivo que o trabalho do Apoio Escolar mostra-se fundamental durante o ensino remoto. Em qualquer situação, é preciso se atentar à individualidade de cada aluno para que sua experiência escolar seja a mais frutífera possível.

---

(1) Freire, Madalena (coord.) *Avaliação e Planejamento, a prática educativa em questão*. São Paulo: Editora Espaço Pedagógico, 1994.

(2) Bondía, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002. p.23.

**FUNDAMENTAL II**  
**E**  
**ENSINO MÉDIO**

## **RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO**

**Guilherme Esteves Carvalhaes**

Graduação: Geografia

Ensino Fundamental II

Coordenadoras: Irene Antunes e Isa M. T. Silveira

Neste relato pretendo fazer uma comparação reflexiva sobre o processo de ensino e aprendizagem antes e durante a pandemia, com base na minha experiência como estagiário na Carandá Vivavida. Iniciei esse estágio em janeiro de 2020 e trabalhei presencialmente até aquela quarta-feira, dia 14 de março. Desde então, o isolamento social foi implementado e o ensino à distância substituiu o ensino presencial. Isso impactou diretamente a minha formação, pois ao longo deste ano, enquanto auxiliar de geografia, tive mais experiência longe das crianças e adolescentes do que ao lado delas dentro da escola. Sendo assim, neste processo, tive a oportunidade de pensar sobre a função social da escola e como, na verdade, ela não se realiza plenamente através do ensino à distância, por mais que toda a equipe da Carandá se comprometa e aprimore constantemente os mecanismos de trabalho, ensino e aprendizagem.

Desde o início, o encontro foi uma de nossas maiores preocupações. Ainda com os pacotes de internet antigos, os professores tentavam escutar e ouvir os alunos pela tela do computador, muitas vezes sem êxito. Aos poucos as internets foram melhorando, os alunos e os funcionários encontraram maneiras de conseguir melhores equipamento de trabalho, as famílias foram se desdobrando para ajudar seus filhos com o ensino remoto e, assim, fomos conseguindo nos ver e nos escutar mais. Aos poucos, também, chegaram as aulas assíncronas que, ao longo dos semestres, por serem um momento dedicado ao trabalho em grupo, se estabeleceram como uma importante forma de amenizar as saudades do contato social.

Nesses momentos tive as maiores oportunidades de troca com os alunos. Trocas que, desde o início do isolamento, ficaram muito mais escassas sem os horários da entrada, do recreio, do almoço e da saída na escola. Então, por um lado, o aprimoramento das estratégias de trabalho, com a implementação das atividades em grupos em momentos assíncronos, contribuiu para que os estudantes e os professores se sentissem menos sozinhos. Por outro, fica muito claro que o contato virtual não é suficiente para sanar nossas necessidades de convívio, decorrentes do trabalho educacional e da manutenção da saúde mental de todos os alunos, professores e funcionários da escola.

Para além do conteúdo, a escola desempenha um papel fundamental na vida das crianças, dos adolescentes e das suas respectivas famílias. A função social da escola também é proporcionar o momento da brincadeira, da convivência, da discordância, da zoeira, do afeto, do amor e até da raiva, entre tantos outros sentimentos necessários para nos desenvolvermos psicologicamente e emocionalmente enquanto seres sociais. Além disso, enquanto as crianças aprendem e convivem, os pais trabalham. É no período da escola que as famílias conseguem ter um respiro para desenvolverem outras atividades essenciais para a sobrevivência e o funcionamento dos lares.

Nos últimos meses presenciamos a aceleração da implementação de estratégias tecnológicas que asseguram a continuidade do trabalho no contexto de isolamento. Várias empresas deixaram seus escritórios sem perspectivas de retorno ao trabalho presencial. Ficou mais evidente que trabalhar de casa pode ser uma grande vantagem, pois os custos para fornecer as condições de trabalho ficam reduzidos. Mas isso não é uma novidade, é apenas um processo que está se intensificando, no qual a implementação da tecnologia vem ocasionando a diminuição da oferta dos postos de trabalho.

Fico me perguntado se acontecerá com os professores aquilo que já acontece com os porteiros de prédio: de uma central é possível controlar várias portarias. A presença do porteiro não interessa mais e a sua ausência é mais barata. E os professores? Será mais interessante para as escolas, para as famílias e para o Estado fornecer uma mesma aula online para milhares de estudantes – ou mesmo um vídeo gravado – do que efetivamente proporcionar o momento do encontro?

Se algo ficou evidente nesse período de isolamento foi que as trocas físicas na escola, os olhares, as expressões e o entusiasmo dos alunos no ensino presencial são insubstituíveis, ao menos se a intenção for manter a qualidade do ensino e realizar a função social da escola. Outro aspecto preocupante é a questão da tolerância. Onde as crianças desenvolverão a sua empatia, o respeito ao próximo e às diferenças? Certamente essa não é uma tarefa fácil se considerarmos que as nossas formas de interação social virtuais, as redes sociais, contribuem para que nós nos distanciemos cada vez mais de opiniões com as quais não concordamos.

## MEMÓRIAS QUE NOS TOCAM

Lucas Leandro da Mota

Graduação: Letras - Português

Ensino Fundamental II

Coordenadoras: Irene Antunes e Isa M. T. Silveira

Desde que a pandemia nos desafiou a encontrar novas maneiras de experienciar a vida, perguntei-me como seria possível, virtualmente, uma relação de ensino-aprendizagem que tocasse os alunos e que proporcionasse reflexões sobre a minha própria prática como estagiário, acreditando que enquanto educador, também sou pesquisador.

Para Jorge Larrosa<sup>(1)</sup> *“a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”*. Este trecho me fez questionar a forma como o conhecimento seria construído. Como ser reflexivo, como pensar sociedade estando em isolamento social e, levando em conta o ensino de língua, por ser a minha área, como a literatura pode continuar a ser fortalecedora durante este período.

Para a minha sorte, me surpreendi. Lembro-me que em uma das aulas do sétimo ano pude ver o quanto é importante que o professor enxergue os alunos como capazes de analisarem seus esforços e dificuldades. Eles estão enfrentando desafios assim como nós, de maneiras diferentes, mas estão. Neste dia, os alunos estavam muito apreensivos e tentando entender como funcionaria todo o ensino à distância, até que a professora, muito compreensiva, deu um espaço para que eles dissessem como ela poderia ajudá-los a chegarem nos objetivos listados para o trimestre. Isso aconteceu muitas outras vezes durante as aulas e uma vez ouvi uma aluna dizendo: “você nos entende, obrigada”. Isso esquentou meu coração, e concluí: vamos chegar juntos, escola é sobre afeto e compreensão, é sobre nós.

Recordo-me também que depois de uma das turmas ler o livro “A reforma da natureza”, de Monteiro Lobato, as crianças levantaram muitas discussões pertinentes, sobre racismo, respeito e desigualdade. Depois de refletir sobre essa aula, cheguei à conclusão de que o letramento é realmente importante na prática do ensino de literatura. Pois a partir dessa abordagem houve uma abertura para relacionar a realidade com a obra e para analisar criticamente a narrativa, considerando o contexto de produção e o público para qual foi escrita. Os próprios alunos discutiram, entendendo o texto como prática social e sendo de fato incluídos, participantes ativos e não somente receptores de conteúdo.

Por fim, a minha resposta foi sim. É possível ter experiências significativas virtualmente. Com certeza, elas não substituem o que o ensino presencial proporciona para nós, porém, a prática com afeto, com abordagens que insiram o aluno e com propostas que o preparam para uma vida cidadã ainda são os melhores meios de aproximar a escola dos alunos e da comunidade, presencial ou virtualmente. Assim, acredito ser possível continuarmos a criar experiências, momentos que não somente acontecem, mas que nos acontecem, criando memórias que nos tocam.

---

(1) Bondía, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

## OS INESPERADOS SENTIDOS DO APRENDER

Marcos Romeo Mariuzzo

Graduação: História

Ensino Fundamental II

Coordenadoras: Irene Antunes e Isa M. T. Silveira

O ano de 2020 tem um sabor especial na minha jornada de vida e com certeza todos nós temos inúmeros adjetivos em comum para atribuir a esse ano tão diverso. A imprevisibilidade desse ano chega a ser tamanha que é muito comum vermos pessoas falarem dele como uma espécie de ser vivo, quase como um deus antigo, cujo animismo serve para explicar a natureza a volta daqueles povos. Natureza que, por sua vez, era tão perceptivelmente importante. Contudo, há um adjetivo em especial que gostaria de destacar para o “temoroso 2020”: revolucionário.

Antes que sigamos adiante, gostaria de deixar claro que tal adjetivo é referente exclusivamente à minha experiência pessoal. Cabe também salientar que processos revolucionários, apesar de poderem levar a melhorias e situações mais oportunas, são, também, traumáticos. Uma revolução nunca é simples e pacata, envolve quebra de estruturas, certezas e ideias que, por conseguinte, é feita de forma radical e “dolorosa”.

Dito isso, finalmente, posso explicar o porquê de ter escolhido esse adjetivo. Entrei neste ano cheio de incertezas, mas com a convicção de buscar meus sonhos. Depois de um 2019 de muito trabalho e esforço, logo no início do ano, colho os frutos: revivo um sonho antigo de cursar história entrando novamente na Universidade e consigo um emprego, na minha área de estudo, na escola que estudei. Reviver, retornar, retomar: palavras mais que adequadas para o novo ciclo que se iniciou num curto espaço de tempo. Com isso, entrei em 2020 com a sensação de que esse seria “O ano” com “O” maiúsculo. E de certa forma não estava enganado.

Logo no início de março, acredito, dei minha primeira aula, proporcionada pelo professor Rogê, grande parceiro ao longo desse processo. Como era de se esperar, o nervosismo e a falta de experiência tomaram conta e, apesar de ter sido um grande aprendizado, senti que aquele não era o resultado final que queria para minha aula. Apreensivo, aguardava por outra oportunidade para superar o nervosismo e o medo de estar despreparado. Quando menos esperava, “resolveram que ninguém ia sair de casa/ como que se fosse combinado em todo o planeta [...] E o aluno não saiu pra estudar/ pois sabia o professor também não tava lá”. Com todos dentro de seus lares, as rápidas mudanças para o ensino remoto e a dificuldade de todos para a adaptação a esse sistema, não pude deixar de pensar que esse ano de aprendizado seria debilitado e minha chance de dar outras aulas, perdida. Porém, acerca da minha formação como educador, não poderia estar mais errado.

De início, me vejo ajudando o Thiago com essa comunicação virtual, enquanto ele me via como uma solução para muitas das dificuldades enfrentadas com a tecnologia, mas sem me apropriar, em um primeiro momento, do significado desse processo. A necessidade de nos aproximarmos gerou um laço de confiança, carinho e amizade, e logo me vi sendo chamado de “mestre jedi” por uma das pessoas que mais me ensinou nesse caminho. Com o passar do tempo, de uma maneira inesperada, aprendo algo que sempre experienciei como aluno, mas finalmente pude entender como professor: que a parte mais importante da escola é o convívio social e que por meio de laços conseguimos nos conectar o suficiente para melhorar e aprender com vontade e propriedade.

Com o passar dos dias, a confiança dessa conexão se fortaleceu e me vi, a cada dia mais, participando, ensinando e me sentindo confortável com o ensinar. Passei a ser mais presente em sala de aula, podendo interagir mais com os alunos, o que imaginei que seria abafado pelo ensino virtual. Mas, com as aulas, passamos a nos conhecer e gerar vínculos, nos aproximando e fortalecendo o aprendizado. E finalmente pude sentir a outra ponta

dessa relação aluno professor. Particularmente, sempre tive carinho e admiração por meus professores e hoje vejo que muito disso é recíproco, pois me sinto assim com os alunos e sinto que participar da aula fez com que pudéssemos conversar e nos relacionar mais, gerando vínculos e amizades. Aprendi que a construção de conhecimento é uma relação de confiança recíproca, uma troca, em que ambas as partes contribuem ativamente para esse processo. E que é justamente criando laços que se potencializa e se efetiva essa construção, pois uma parte não faz nada sem a outra, fazendo esse processo contínuo ser mais leve e prazeroso.

Em outros empregos, tive poucos como o Thiago e o Rogê, dispostos a ensinar, andando lado a lado, como companheiros. E foi numa aula de Alexandre, o Grande, conversando com os alunos sobre a diferença da liderança desse personagem histórico e de um “Chefe”, que finalmente me encontrei como professor e me “achei” profissionalmente. De forma surpreendente, o ensino virtual me proporcionou um crescimento que só achei que veria em tempos futuros. Como uma revolução, iniciada em anos anteriores, admito, mudei meus caminhos da forma mais radical e inesperada possível, mas tendo o privilégio de perceber, com essa experiência, o imensurável aprendizado que tive em diversos aspectos. Tendo, também, o prazer de me entender como professor e me apaixonar por este antigo sonho de forma inusitada.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA E CONSCIÊNCIA

Renê Ferreira Porto

Graduação: Licenciatura em Física

Ensino Fundamental II

Coordenadoras: Irene Antunes e Isa M. T. Silveira

Neste momento de isolamento social somado à crise da saúde em todo mundo é comum que a inércia do pensamento, muitas vezes, nos paralise ou atrase. No entanto, devemos nos deitar sobre a esperança no futuro que sempre guiou nós educadores a acreditar na transformação do mundo e de nós mesmos para melhor. Um pensamento que desejo despertar nos alunos e alunas é que devemos aproveitar este momento para nos aprimorarmos como pessoas num mundo coletivo, para assim deixarmos nossa marca e sermos protagonistas de nossas vidas. No ensino das ciências naturais na Carandá não é diferente. O trabalho ativo dos estudantes é incentivado para que se apropriem das interações do nosso organismo com nosso ambiente e também sociedade.

*“Motivado por situações-problema, o aluno vai além da procura pela ‘resposta certa’, buscando um caminho próprio para resolver a questão que lhe é apresentada. Este caminho dá um sentido real à aprendizagem e a torna mais profunda e significativa.”*

*Projeto Político Pedagógico - Carandá Vivavida, p. 49*

Estamos vivendo um momento único na história da nossa humanidade e mais do que nunca a divulgação científica tem sido de extrema importância para a conscientização da população. A ciência tem sofrido com a disseminação de informações falsas nas redes sociais, sem nenhuma base científica. Cada vez mais, as pessoas buscam informações rápidas e fáceis, mas sem base ou estudo aprofundado sobre o assunto. Como diz Larrosa<sup>(1)</sup> *“a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação”*. O mundo atual tem a ciência como um de seus pilares principais. Então, nós educadores da área de ciências naturais temos um papel muito importante no conhecimento da ciência que está presente em todo o entorno dos(as) estudantes e no desenvolvimento de seu pensamento crítico. *“Uma maneira de promover estes conhecimentos é realizar atividades para divulgar a ciência”* (Chinellato, 2016).

Com esse intuito, alguns alunos e alunas, em outros momentos e por conta própria, demonstraram interesse em participar de alguma olimpíada relacionada às ciências. Neste ano, decidiram efetivamente participar da Olimpíada Nacional de Ciências (ONC) e da Olimpíada Brasileira de Astronomia. Eu e a Juliana Chinellato (professora de Ciências) ficamos muito animados em vê-los com vontade e entusiasmo de representar a Escola Carandá Vivavida nestas provas. Mas para que eles pudessem aproveitar essa experiência ao máximo, sempre esclarecemos que o processo de preparação é muito mais importante que o resultado em si.

Tive a oportunidade de aplicar algumas aulas para esse grupo do Fundamental 2 sobre a parte de física e astronomia, e fiquei muito entusiasmado. Toda semana me encontrei com a professora de ciências para mostrar meu planejamento das aulas e trocar conhecimentos. Esses momentos foram de extrema importância para o meu desenvolvimento como professor, pois pude entrar em contato com a vida docente na prática.

Com certeza a tecnologia nos limita em relação à interação do *olho no olho*, que acredito ter um lugar especial na educação. Se estivéssemos todos numa sala de aula obviamente seria mais *confortável*. Uso a palavra confortável pois, na situação em que estamos, é preciso sair dessa inércia, sair da zona de conforto e buscar sempre melhorar e se aprimorar. Foi o que eu senti em minhas aulas à distância. Na primeira aula, percebi que fiquei muito

mais ansioso do que ficaria se a aula fosse presencial e, por consequência, fiquei inseguro mesmo sabendo o conteúdo. Acredito que o maior desafio foi lidar com essa ansiedade. Mas, após as aulas, sempre conversava com a professora sobre a experiência, em que aspectos melhorar e etc. Estes feedbacks me ajudaram muito a ficar mais tranquilo antes das aulas e a ministra-las com mais segurança.

Ao fim da primeira fase da Olimpíada Nacional de Ciências e com o ótimo resultado dos alunos e alunas, mais estudantes se interessaram por atividades desse tipo. Logo recebemos mais mensagens demonstrando interesse de participação na Olimpíada Brasileira de Astronomia e já estamos nos preparando para este novo desafio. Essa trajetória me trouxe vários questionamentos que me ajudaram a melhorar, como por exemplo: como lidar com a ansiedade, como fazer um planejamento, como as aulas, mesmo online, puderam me trazer conquistas, como me reinventar nessa época e me aprimorar. No entanto, estas reflexões ficarão para serem expostas num próximo relato.

---

(1) Bondía, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

## MUDANÇAS

**Gustavo Araújo Santos**

Graduação: Licenciatura em Matemática

Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Coordenadoras: Irene Antunes e André Meller

Se alguém descrevesse para mim como seria o ano de 2020, eu, assim como você, não conseguiria nem imaginar como o que estamos vivendo poderia se tornar realidade.

É por isso que tenho certeza de que me lembrarei desse ano sempre que pensar na palavra “mudança”. Tudo o que era considerado “normal” precisou ser alterado. Mudou-se a forma de ocupar espaços, de se preparar para sair de casa, de se comunicar com outras pessoas, e é claro, de aprender e ensinar.

O ano chegou com uma grande mudança na minha vida: havia acabado de começar a trabalhar na Carandá e iniciar em um lugar novo é sempre um desafio. Os primeiros meses foram passando rápido e, antes que eu percebesse, já estava fazendo parte da escola e da rotina de todos ali. Estava muito feliz com o acolhimento e com as boas experiências que tive tão cedo.

Por esse motivo, quando soube que teríamos que nos afastar e trabalhar de casa, senti que tinha dado um grande passo para trás, pois ficaríamos longe da experiência de sala de aula e dos alunos. Foi esse o sentimento nos primeiros meses em casa. Estava ali, participando das aulas, mas sentia que não conseguia agregar aos alunos o tanto quanto o fazia presencialmente e isso não saía da minha cabeça.

No entanto, como coloquei no início desse relato, esse foi um ano de mudanças. Os professores tiveram que se adaptar, assim como os alunos e todas as outras pessoas que estavam realizando suas atividades via Internet. Eu queria fazer a diferença em um momento tão difícil e cheio de descobertas, só precisava achar um jeito de me adaptar também.

Acredito que aprendi muito acompanhando as aulas e o trabalho dos professores em todos esse processo de adaptação ao meio virtual, não só sobre questões didáticas de Matemática e Geometria, mas também sobre a Educação.

A Educação esteve presente em todas as etapas. Desde a adaptação para aprender a usar as novas ferramentas e ensinar os alunos a explorá-las, até as aulas online, em que diversas técnicas e métodos foram utilizados para proporcionar as melhores experiências de aprendizado aos alunos.

Assistindo às aulas online, pensei: “É isso! Preciso de um espaço onde eu possa exercer tudo o que estou aprendendo e observando”. Foi assim que nasceu a ideia dos plantões de dúvidas, horários em que os estagiários teriam contato direto com os alunos, com o objetivo de esclarecer dificuldades e os auxiliar em seus estudos.

Com o início dos plantões, aquela sensação de distância entre mim e os alunos deu lugar a um sentimento de pertencimento e autoconhecimento. Ali, me encontrei no meu espaço que, com a presença dos alunos, se tornou um espaço de aprendizado coletivo.

No começo, confesso que foi bem desafiador. Acredito que isso é inevitável quando precisamos nos acostumar a falar com uma câmera e algumas pequenas fotos circulares. Mas continuei experimentando formatos e abordagens que mais fariam sentido naquela situação. Pedindo o feedback dos alunos, pude enxergar o que era mais efetivo no ambiente virtual pela perspectiva de quem estava do outro lado da tela.

Depois de algumas semanas, me encontrei em uma chamada de vídeo com mais de dez alunos que tinham programado uma parte da sua rotina para participarem, junto a mim, do plantão de Matemática e Geometria.

Naquele momento, senti que se alguém ficasse perdido no meio de todas aquelas mudanças acontecendo a sua volta, eu poderia fazer a diferença, garantindo que aquele aluno ou aluna se sentisse mais seguro ou segura de, assim como eu, buscar a sua própria mudança.

13h. Ao som do sinal, já estávamos a postos, prontas e prontos para deixar os portões da escola rumo a uma ou a outra quadra. Íamos em bando. Em meio a vozes que se sobrepunham, caminhávamos de forma automática, sem dúvida do destino. Tínhamos a certeza de que as próximas horas passariam como minutos. Apesar disso, víamos o tempo parar. O tempo parava para aquele chute no travessão, para uma bola cortada na paralela, para uma defesa de 7m, para o momento exato em que o taco encostava na bola, que magistralmente protegia a casinha de madeira postada atrás do defensor. O tempo parava quando fluíamos com a prática. Éramos cada um ao passo que éramos um. Apesar das incertezas do jogo, estávamos certos e certas de que, não fosse pela chuva, estaríamos lá novamente. Era dia de treino.

13h. As câmeras ainda estão fechadas, com exceção das nossas. Não há ruído algum, a não ser pelo estranho barulho que o fone produz dentro da minha cabeça e pelos pássaros lá fora. Estão todas e todos presentes. Vejo as treinadoras, nos cumprimentamos e cumprimentamos as crianças. Algumas tristes vozes respondem com um tímido “oi”. Outras, já mais animadas, perguntam como estamos, contam algo novo. Aos poucos, uma carinha aparece aqui, outra ali. Há uma relutância. Existe um medo da exposição que vai além de errar um chute. É quase como o medo de aparecer para pessoas que talvez não façam parte do pequeno grupo com quem cada uma das crianças ali vem se comunicando - familiares e contatos próximos. Como uma aluna nos disse, de forma muito acertada: é o conflito com a ideia de sermos públicas e públicos novamente. O tempo não para mais, mas também não deixa de existir, é percebido com o seu passar real. Os corpos, um tanto preguiçosos, hesitam frente à ameaça de um movimento que fuja à inatividade agora corriqueira. Não pairam mais tantas certezas sobre nós. É dia de treino.

Após uma bateria de encontros, ficamos a pensar em estratégias para que as telas deixem de nos separar, para que o ambiente não seja tão frio, para que a distância passe a ser apenas física. A ideia de coletivo parece um tanto difusa em meio a tantas negativas de interação neste modelo que bruscamente se apresentou a nós. Estamos perdendo no placar, o time já não se reconhece mais, é hora de pedir tempo.

Enquanto escrevo, sinto-me na necessidade de questionar o que é o esporte. Dentre todas as possíveis respostas e percepções que as pessoas possam ter sobre o fenômeno, a ideia do jogo é praticamente unânime. Mas... e quando o apito soa e o jogo acaba, só que dessa vez sem hora para voltar? Pois bem, é aí que o esporte tem que ir além das quatro linhas da quadra ou do campo. O esporte é um fenômeno amplo, de cunho social, cultural, competitivo, institucionalizado e, dentro do cenário aqui considerado, educacional, o que prevê ainda a promoção de socialização, desenvolvimento de questões emocionais, colaborativas e que, de maneira geral, contribuam à formação dos alunos e das alunas. Na correria do dia a dia, no prazer da prática, às vezes nos perdemos nessa conceituação e seguimos pelo caminho do jogo. É hora de resgatar todo o leque de possibilidades que o esporte prevê e, acima de tudo, é hora de usá-lo, em meio aos nossos encontros, como ferramenta para a construção de um espaço seguro, onde a exposição se reconstrua aos poucos. O jogo agora é outro. Soa o apito.

13h. As câmeras estão fechadas, mas algumas vozes podem ser ouvidas. Ao questionarmos sobre como estão e o que têm feito, vemos que estão seguindo aos poucos, assim como nós. Somos também questionadas e inicia-se a troca: trocamos experiências, histórias, risadas; trazemos parte do nosso mundo para eles e elas, que nos devolvem com um pouco dos seus próprios; incitamos debates; praticamos; promovemos o resgate constante do

fenômeno esporte. Aos poucos, o tempo parece correr novamente. Em meio a tantas incertezas, de uma coisa estamos certos e certas: aqui é seguro para sermos um novamente. É dia de treino.

# ESPAÇO CULTURA VIVA

## RECREAÇÃO ATRAVÉS DA TELA

Darla Nunes da Silva

Graduação: Pedagogia

Espaço Cultura Viva - Recreação

Coordenadora: Priscila Novais

Quando pensamos no trabalho do pedagogo dentro de uma escola, imediatamente imaginamos o contato com a criança, o afeto que vem do abraço, a motivação que nasce do olho no olho e o aprendizado acompanhado por uma mão no ombro, que diz que tudo bem não acertar logo de primeira.

Mas e quando tudo isso é impedido? Quando todo esse contato que faz parte do trabalho do pedagogo/professor se torna inexistente por um tempo? Como será essa experiência? E como é a visão de um aprendiz de educação (estagiário) dentro desse novo cenário?

Entramos em uma pandemia na qual não existem culpados, tudo é uma questão de trocas: o ser humano faz e o ser humano recebe. E, nesse contexto, fomos lançados a uma situação por obrigação: a quarentena.

Todo aquele contato com os amigos, familiares e colegas foi cortado de repente para que a saúde mundial fosse protegida.

Como isso atingiu o ambiente educacional? É fato que o sistema remoto é muito novo dentro do ensino básico e, justamente por isso, este novo cenário trouxe enormes aprendizados para todos. Nós, estagiários, que estamos nesse cargo como parte essencial de nossas formações como professores, adquirimos uma experiência a mais, que nos pegou de surpresa, mas que foi tão enriquecedora quanto a presencial.

Na Carandá Vivavida, o estagiário tem um contato sempre próximo aos alunos, a partir do qual a formação flui. Mas e agora que esse contato direto, olho no olho foi interrompido? Ainda mais dentro da recreação, local privilegiado para que o aluno exerça sua autonomia de forma genuína. Qual será o papel da escola remota nesse momento?

Pensar em recreação é pensar no brincar. Na infância, o brincar deve estar presente em todos os processos de ensino-aprendizagem. A recreação é um cenário no qual ele fica especialmente mais explícito e mais rico, tornando o processo de aprendizagem ainda mais autônomo. Quando permitimos que a criança brinque, ela ganha espaço para ser o que quiser, agir como quiser e até mesmo aprende a lidar com suas emoções de formas próprias. Cabe a nós educadores ajudar nesse processo.

Em seu livro “A Formação Social da Mente”, Vygotsky diz: *“É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. Para uma criança com menos de três anos de idade, é essencialmente impossível envolver-se numa situação imaginária, uma vez que isso seria uma forma nova de comportamento que liberaria a criança das restrições impostas pelo ambiente imediato”*(1).

É tão bom pensar pela autonomia das crianças e ver como são donas do seu desenvolvimento. Presencialmente, quando estamos ao alcance uns dos outros, é fácil poder ajudar com o contato direto em momentos de frustração, por exemplo. Mas, através da tela, isso fica mais desafiador, já que o aluno ganhou uma autonomia específica nos momentos de encontro online. Pode sair quando quiser, desligar seu microfone quando quiser ou simplesmente afastar-se da tela. Como lidamos com isso?

O segredo é a transformação: tornar o que fazíamos presencialmente em algo possível nos encontros virtuais, cuidando para manter a essência e objetivos das propostas. Essa foi nossa maior experiência nas aulas remotas. Junto aos educadores/recreacionistas, o estagiário foi capaz de transformar o que trabalhava no presencial em alternativas para o ambiente remoto. Trouxemos para a tela brincadeiras que essencialmente físicas, como o pega-pega, o esconde-esconde e outras tão presentes no dia a dia da recreação. Criamos até uma batata-quente à distância! Acredito que o mundo evolui graças a nossa capacidade de nos transformar e nos adaptar e foi o que fizemos em nossa prática.

A ideia de transformação foi muito trabalhada em nossa formação: a capacidade do educador de transformar, independente da sua posição. Como estagiária, foi nítido ver o quanto é possível tornar a educação acessível, independente dos desafios à nossa volta. Vimos também como é importante que esse processo continue, pois nesse momento de pandemia reafirmamos que a escola é muito mais do que um ambiente de conteúdo. A escola é afeto, carinho, diversidade e isso não muda quando estamos distantes e interagindo de forma diferente. Os alunos continuam recorrendo aos estagiários, continuam querendo nos contar as novidades, o que estão aprendendo. E, nós, formandos da educação, continuamos nos enriquecendo através desse processo, reiterando que a educação e a escola como um todo, inclusive a recreação, são o ambiente ideal para a transformação.

---

(1) *Vygotsky, L.S, A Formação Social da mente, p.64, Cap. 7.*

## **NÃO TEM RECEITAS**

**Pedro Paulo da Silva**

Graduação: Educação Física  
Espaço Cultura Viva - Recreação  
Coordenadora: Priscila Novais

É engraçado como coisas simples podem se tornar realmente complexas. Acredito que por esse motivo Manoel de Barros dizia que devemos respeito às coisas desimportantes. Estive pensando sobre um ditado popular que diz: “a vida não é um bolinho”. Por trás dessa frase aparentemente boba, surge uma série de reflexões sobre a minha práxis na Carandá nestes últimos tempos. Se verificarmos o sentido da frase, ela nos diz que a vida não é como o ato de fazer um bolo, ou seja, não tem uma série de passos pré-programados e bem explicados com o intuito de chegar a um fim específico, o que costumeiramente chamamos de receita.

Este ano foi assim, exatamente o contrário do que é um bolinho. Não que o ano anterior tenha sido uma sucessão de eventos já previstos, porém, em 2020, todos nós fomos pegos de surpresa. Sofremos, por um tempo, da famosa síndrome do “comigo não vai acontecer”, enquanto observávamos informações que relatavam problemas com um novo vírus nos países asiáticos. E então, antes mesmo que pudéssemos dizer a palavra “bolinho”, estávamos entrando no protocolo de distanciamento social, tendo que adequar toda nossa prática ao ambiente online.

Contudo, é da necessidade que nasce a inventividade e as soluções que nunca imaginamos sermos capazes de realizar. Ainda hoje, quando preciso explicar a alguém qual a minha atual profissão, soa estranho dizer que trabalho com recreação à distância.

Entender quais atividades se adequavam mais ao contexto das *lives* foi um processo muito proveitoso do ponto de vista da minha formação, pois foi necessário usarmos toda nossa criatividade, empenho e comunicação para “pegarmos o jeito” de planejar atividades apropriadas às diferentes idades, com todas as limitações de materiais e possibilidade de auxílio ao aluno. Foi importante também levar em consideração a intenção de não sobrecarregar as famílias, que muitas vezes se encontravam já sobrecarregadas por diversas tarefas.

Mesmo em meio a este contexto e no ambiente online, nossas diretrizes com relação à recreação não mudaram, continuamos visando desenvolver a autonomia e a criticidade em diversas situações. Hoje, enxergo a recreação como uma ferramenta com possibilidades que vão muito além de um período de entretenimento neste momento de reclusão. Acredito que podemos utilizá-la como continuação da formação de indivíduos críticos e autônomos, por meio da mediação das interações que acontecem durante as atividades e sempre através do brincar de forma lúdica e leve, pois é o que mais necessitamos neste momento de tantas aflições e incertezas.

Estar no background das *lives* proporcionou que eu olhasse para os momentos de encontro com mais detalhes. Esses detalhes fazem toda a diferença, pois é através deles que conseguimos conhecer nossos alunos mais a fundo.

Foi através dessa observação que percebi que a mudança de residência de um aluno, por exemplo, seria um fato extremamente importante na vida dessa criança e que esse fato poderia se tornar tema de diversas atividades. Dessa forma, poderíamos proporcionar momentos mais proveitosos e prazerosos para que a criança falasse sobre aquele grande evento. Em outro momento, percebi o quanto o vínculo entre um recreacionista e uma aluna foi valorizado quando o primeiro memorizou os nomes de três bonecas específicas da menina.

Esses dois simples exemplos do cotidiano das lives ilustram os mesmos fatores, que são os mais importantes neste momento: o acolhimento, o vínculo e o afeto. São eles que nos tornam capazes de disputar com tantas outras distrações que estão sempre disponíveis aos alunos em casa e que nos diferenciam de tantas opções de entretenimento. É a partir deles que as crianças têm a possibilidade de participar de encontros e contatos significativos, para além do cotidiano familiar e do ambiente do currículo escolar regular.

Nas ocasiões em que tomo a frente dos nossos encontros e lidero as atividades, percebo a oportunidade que temos de incentivar nossos alunos a se relacionarem da melhor forma, superarem os desafios das atividades sozinhos, escutarem com atenção para entender as atividades e valorizarem o conhecimento adquirido para dar seguimento a novos aprendizados mais desafiadores a partir dele. Acredito que continuar a investir nesses relacionamentos é a melhor maneira de passarmos por esse período de dificuldades com mais alegria e segurança.

## **A HABILIDADE PRÁTICA DE BRINCAR CONSTRUINDO EDUCADORES**

**Thalissa Alexandre Cardoso**

Graduação: Pedagogia

**Wilkson A. Nascimento da Silva**

Graduação: Educação Física

Espaço Cultura Viva - Recreação

Coordenadora: Priscila Novais

A jornada de um estagiário não se inicia tão facilmente como muitos imaginam. É como entrar em um processo de alfabetização, que requer doses e mais doses de dedicação a cada dia. É no estágio que nós, acadêmicos, começamos a ter contato com as diversas áreas da vida profissional que poderemos seguir e essa decisão não é tarefa simples. Requer muita disciplina e envolve momentos de frustrações e quebras de perspectivas. Vale ressaltar que, em um contexto geral, a prática do estágio contribui para o despertar do nosso senso crítico e nos traz um novo olhar através da análise das nossas contribuições para o trabalho e até mesmo dos nossos anseios.

Nossa prática sempre foi a alma do que fazíamos: aprendemos a nos divertir, aprendemos com as crianças e com nós mesmos. Testamos capacidades, possibilidades, fazemos novas descobertas incríveis todos os dias. Aprendemos a lidar com novas e velhas questões. A recreação sempre foi um lugar onde as crianças se sentiam verdadeiramente em casa, tanto em momentos em que faziam parte das atividades e brincadeiras dirigidas, como nos demais momentos da rotina, que a escola cuida para que sejam o mais confortáveis possível. Fazer tudo isso junto aos amigos é uma característica fundamental da recreação, pois as crianças têm a oportunidade de aproveitar o tempo da convivência e do brincar juntos em meio a um mundo onde as pessoas não se conectam mais.

Então, de uma hora para outra, foram tirados de nós o espaço físico, as conexões sociais e, junto com isso, nossa habilidade prática do dia a dia. Fomos para atrás das telas, nos escondemos em casa e fomos obrigados a nos adaptar a uma nova vida que não pedimos para ter. Passamos a nos ver através da tela, brincar sozinhos e ficar mais perto da família, mas mais longe do mundo e dos amigos. A ideia de liberdade agora se dá apenas dentro da mente: o quão livre uma criança pode ser a ponto de conseguir se divertir sozinha? O quanto as famílias conseguem aceitar que os filhos têm o que é necessário para fazê-lo?

A preocupação de estar sempre junto às crianças e de garantir que tenham sempre a mente ocupada significa não dar brecha à liberdade criativa dos pequenos. Isso nos traz um cenário caótico no qual pais não sabem como “distrair” seus filhos em quarentena. Mas não podemos perder de vista que é possível que, agora, as crianças tenham tempo para refletir sobre si, sobre o universo e sobre seu lugar nisso tudo. É possível que mesmo sentindo falta dos amigos, dos professores e das trocas sociais, as crianças consigam imaginar o que quiserem e descubram que esse é um caminho sem limites.

Nosso trabalho de repente mudou da água para o vinho. Como fazer recreação em isolamento social? Como conquistar e ter a atenção de uma criança por detrás de uma tela? Como poderíamos otimizar a nossa habilidade prática sem estarmos presentes uns com os outros? Sabemos que as novidades e possibilidades da tecnologia não se comparam à imensidão das experiências presenciais. Assim, decidimos nos adaptar e vivemos um processo de aceitação: aceitar que a recreação perdeu (por tempo indeterminado) parte das possibilidades de propostas e vivências que fazem dela uma experiência única. Aceitar que nossos encontros teriam que ocorrer via web e que nosso desafio seria encontrar maneiras de satisfazer a nós mesmos e aos alunos dessa maneira. Quanto mais tentamos nos adaptar, mais difícil foi aceitar os limites da tela. A saudade da presença física se tornou uma pedra no sapato. Tentamos substituições, tentamos refazer e recriar tudo o que perdemos anteriormente. O fato é que quanto

mais a adaptação se tornava nosso foco, mais longe estávamos de chegar ao que éramos como um grupo. Nosso desafio se tornou transferir confiança, convivência e comprometimento à distância.

O medo, os anseios e angústias de um mundo por trás das telas não venceram a determinação de fazer acontecer. Laços se estreitaram e nosso relacionamento com professores, alunos e coordenadores se tornou mais afinado também.

Juntos, começamos então a construir o que viria a ser uma nova recreação. Tivemos que dar uma pausa nas tentativas de adaptação e ultrapassar fronteiras para territórios inexplorados. Criar algo novo, atividades pensadas e propostas para o atual ambiente e plataforma virtuais. Tivemos que trazer vários aspectos à tona e refletir sobre eles: onde, como, quando, com quem? Que espaço e que ambiente essas crianças tinham agora? Quem teriam como companhia? Seria possível realizar as atividades sem pedir ajuda aos pais e familiares constantemente? Como fazer com que as crianças se divirtam e atinjam os objetivos das propostas? Como fazer com que a equipe esteja à vontade e segura para fazer tudo isso acontecer? Foi necessário colocar tudo isso em pauta, discutir e descobrir juntos as possibilidades.

Os testes com as atividades planejadas para a plataforma online começaram. “E se a gente usasse as almofadas do sofá? Mas panela pode? Melhor tomar cuidado com os utensílios de cozinha...”. A construção se deu com erros e acertos, tentativas e recomeços. Tudo novo de novo.

Estamos criando um novo caminho no qual o que sabíamos antes é experiência. A prática se reinventou, assim como os profissionais que a sustentavam. Não é fácil criar algo novo, reinventar e falhar várias vezes até acertar. Mesmo os acertos não são caminhos definitivos. Todos os dias tentamos, erramos e acertamos, pois o que estamos vivendo é inédito. Na formação de dois anos para estagiários no Espaço Cultura Viva da Carandá Vivavida, mergulhamos na realidade do professor e por mais que tenhamos dias difíceis e tarefas complicadas a cumprir, vemos nosso papel de educador tornar-se completo e recompensador.

## **AUTORES**

Aline Vieira Pinto Belintani  
Bárbara Sanches S. Machado  
Beatriz da Silva Sales  
Bruna N. Rugerio Silva  
Darla Nunes da Silva  
Débora Sportiello Romero  
Débora Aline de Sousa Costa  
Fernanda Gastaldi Leite  
Gabriela Araújo da Silva  
Gabriela J. Sawaya Oliveira  
Giovanna Costa de Souza  
Giulio Mezzacapa  
Guilherme Esteves Carvalhaes  
Gustavo Araújo Santos  
Larissa Hashimoto Martins  
Leila Ribeiro Freire  
Luana Corradine Valentim  
Lucas Leandro da Mota  
Luciana T. de Freitas Ranieri  
Marcos Romeo Mariuzzo  
Maria Fernanda Alvarenga

Mariana Freitas Sousa  
Mariana de Godoy Moreira  
Mariana Monteiro dos Santos  
Milena C. Ferreira Varizano  
Milena Menezes  
Nathalia Sales Fernandes  
Nathália Tateyama Tominaga  
Nathallia Ferreira da Silva  
Pamela R. Monte de Oliveira  
Pedro Paulo da Silva  
Pedro Oliveira Baptista  
Renê Ferreira Porto  
Samantha Rocha Silvério  
Stefanni Rodrigues da Silva  
Stéphanie Oliveira Silva  
Tamiris Antunes Videira  
Thais Chagas Lima Tomazelli  
Thalissa Alexandre Cardoso  
Thuane Silva Madeira  
Wilkson A. Nascimento da Silva

**Eliane Romualdo (Coordenadora de Estagiários)**

**Mônica Fujikawa (Coordenadora Geral)**

## **COORDENAÇÃO**

André Meller  
Cleusa Watanabe  
Denise Pinhas  
Irene Antunes  
Isa M. T. Silveira  
Isabel Mola

Luiza Siqueira  
Marcia Hyppolito  
Maria Alice Brandão  
Patricia Caselli  
Priscila Novais  
Renata Araujo

## DIREÇÃO

Ana Cristina Dunker

Carmen Mola y Curi

Milena Palma

Prina Friedlander

Stela Cury

Carandá  
Vivavida  
EDUCAÇÃO



**Carandá Vivavida Educação**  
**Centro de Estudos Madalena Freire**  
**Novembro 2020**